



**UEPB**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS 1 – CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO**

**MARIA BEATRIZ SANTOS DE OLIVEIRA**

**CELA 15 – DISCURSOS ENCARCERADOS: O DISCURSO RELIGIOSO  
SUSTENTADO POR REPORTAGEM PREMIADA NO INTERCOM**

**CAMPINA GRANDE-PB  
2023**

**MARIA BEATRIZ SANTOS DE OLIVEIRA**

**CELA 15 – DISCURSOS ENCARCERADOS: O DISCURSO RELIGIOSO  
SUSTENTADO POR REPORTAGEM PREMIADA NO INTERCOM**

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia)  
apresentado a Coordenação do Curso de  
Jornalismo da Universidade Estadual da  
Paraíba, como requisito parcial à obtenção do  
título de graduada em Jornalismo.

**Orientador:** Prof. Dr. Moisés de Araújo Silva

**CAMPINA GRANDE-PB  
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

O48c Oliveira, Maria Beatriz Santos de.

Cela 15 - Discursos Encarcerados [manuscrito] : O discurso religioso sustentado por reportagem premiada no Intercom / Maria Beatriz Santos de Oliveira. - 2023.

48 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2023.

"Orientação: Prof. Dr. Moisés de Araújo Silva, Departamento de Comunicação Social - CCSA. "

1. Jornalismo literário. 2. Análise do discurso.  
3. Reportagem. I. Título

21. ed. CDD 070.5



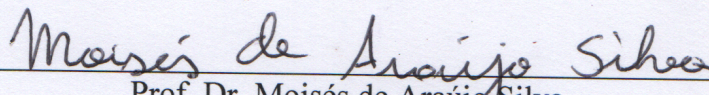
MARIA BEATRIZ SANTOS DE OLIVEIRA

**CELA 15 – DISCURSOS ENCARCERADOS: O DISCURSO RELIGIOSO  
SUSTENTADO POR REPORTAGEM PREMIADA NO INTERCOM**

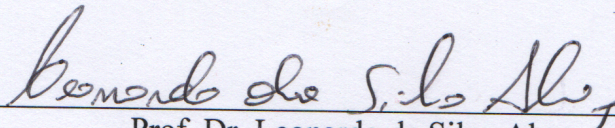
Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia)  
apresentado a Coordenação do Curso de  
Jornalismo da Universidade Estadual da  
Paraíba, como requisito parcial à obtenção do  
título de graduada em Jornalismo.

Aprovada em: 07/06/2023

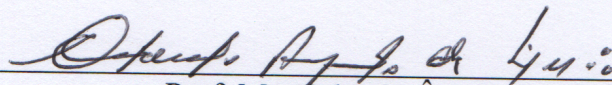
**BANCA EXAMINADORA**



Prof. Dr. Moisés de Araújo Silva  
Orientador



Prof. Dr. Leonardo da Silva Alves



Prof. Me. Orlando Ângelo da Silva



Aos meus pais, pelo exemplo.  
Aos meus irmãos, pela amizade.  
Ao meu namorado, pelo companheirismo.

## **CELA 15 – DISCURSOS ENCARCERADOS: O DISCURSO RELIGIOSO SUSTENTADO POR REPORTAGEM PREMIADA NO INTERCOM**

**OLIVEIRA.** Maria Beatriz Santos de,<sup>1</sup>

### **RESUMO**

Este trabalho apresenta um panorama histórico e característico do que é e como surgiu o Jornalismo Literário e como tal é empregado no contexto jornalístico factual na busca por uma maior humanização e subjetividade. Não obstante, será utilizada a base teórica da Análise do Discurso francesa para analisar uma reportagem escrita no estilo do jornalismo literário e o discurso predominante na mesma. A reportagem selecionada tem como título: Cella 15 – Ventres Encarcerados e foi produzida por quatro estudantes de jornalismo na Universidade Federal da Paraíba e conta a história de mulheres que vão presas grávidas e precisam dar à luz dentro do cárcere, mais precisamente na cela 15 da Penitenciária de Reeducação Feminina Maria Júlia Maranhão, em João Pessoa. A forma como a matéria foi construída e o produto em si refletem as características do Jornalismo Literário e, dessa forma, seus enunciados foram analisados, através da linha francesa da Análise do Discurso, representada aqui pelos estudos de Michel Pêcheux e Louis Althusser. A partir dessa análise, foram tomadas as seguintes conclusões: a reportagem se utiliza de uma estrutura textual própria da literatura e do texto jornalístico, mas seu discurso predominante é o religioso-familiar.

**PALAVRAS-CHAVE:** jornalismo literário; análise do discurso; reportagem;

## **ABSTRACT**

This dissertation presents a historical and characteristic overview of what Literary Journalism is, how it emerged and how it's used in the factual journalistic context in the search for greater humanization and subjectivity. Moreover, the theoretical basis of French Discourse Analysis will be used to analyze a report written in the style of literary journalism and the predominant discourse in it. The selected report is entitled: *Cela 15: Incarcerated Wombs* and it was produced by four journalism students at the Federal University of Paraíba. The report tells the story of women who are arrested while pregnant and need to give birth inside the prison, more precisely in cell 15 of the Maria Júlia Maranhão Female Reeducation Penitentiary, in João Pessoa. The way the material was constructed and the final product itself reflect the characteristics of Literary Journalism and, in this way, its statements were analyzed, through the French line of Discourse Analysis, represented here by the studies of Michel Pêcheux and Louis Althusser. From this analysis, the following conclusions were taken: the report uses a textual structure typical of literature and journalistic text, but it's predominant discourse is the religious-family one.

**KEYWORDS:** literary journalism; discourse analysis; reportage



## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>9</b>
<b>2</b>	<b>JORNALISMO LITERÁRIO: CONTEXTUALIZAÇÃO</b>	<b>11</b>
<b>2.1</b>	<b>CARACTERÍSTICAS DO JORNALISMO LITERÁRIO</b>	<b>16</b>
<b>2.2</b>	<b>INTERCOM: GRANDES REPORTAGENS – CELA 15, VENTRES ENCARCERADOS</b>	<b>18</b>
<b>3</b>	<b>POR QUE A ANÁLISE DO DISCURSO?</b>	<b>21</b>
<b>3.1</b>	<b>ANÁLISE DO DISCURSO FRANCESA</b>	<b>21</b>
<b>3.2</b>	<b>FORMAÇÕES IDEOLÓGICAS</b>	<b>22</b>
<b>3.3</b>	<b>MICHEL PÊCHEUX E A ANÁLISE DO DISCURSO</b>	<b>24</b>
<b>4</b>	<b>ANÁLISE DO DISCURSO APLICADA NA REPORTAGEM “CELA 15 – VENTRES ENCARCERADOS”</b>	<b>27</b>
<b>5</b>	<b>ASPECTOS METODOLÓGICOS E DE ANÁLISE</b>	<b>29</b>
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>46</b>
	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>49</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Desde seu início, o jornalismo buscou as melhores formas de entregar à sociedade a informação de forma rápida, eficiente e verídica. Isso nem sempre significou colocar a subjetividade e sensibilidade do texto em primeiro lugar. É esse objetivo uma das ideias que o Jornalismo Literário se propõe a fazer.

Veremos que o Jornalismo Literário, também chamado de Novo Jornalismo, é criado na década de 60 na imprensa americana, encabeçado por nomes como Truman Capote, Gay Talese e Tom Wolfe. As grandes características dessa nova forma de escrita jornalística são a subjetividade e a produção de reportagens mais aprofundadas e detalhistas, sem deixar de lado a humanização das personagens envolvidas.

O Novo Jornalismo mantém a essência factual e de busca pela verdade do jornalismo tradicional, porém com um ganho em vocabulário, estrutura narrativa e observação profunda do conteúdo. Para alcançar esse nível de profundidade é preciso um engajamento, tempo e proximidade maior com fontes, espaços e estórias. Tom Wolfe afirmava que, diante de uma fonte de boas informações, o jornalista acaba quase se comparando a um pedinte:

O ponto de partida do repórter é invadir a privacidade de alguém, fazer perguntas que não tem o direito de esperar que sejam respondidas – e, assim que ele se rebaixou a esse ponto, transforma-se num suplicante de canequinha na mão, esperando que venha a informação ou que alguma coisa aconteça, esperando ser tolerado o bastante para conseguir o que precisa, adaptando sua personalidade à situação, insinuando-se, servindo, fazendo o que for preciso, suportando insultos, abusos, até choques ocasionais na eterna busca da “história” – comportamento que chega bem perto do servilismo ou da mendicância (WOLFE, 2005 apud MENEZES, 2009, p.5)

No Brasil, grandes autores também fizeram seu nome através da escrita que mescla literatura com jornalismo e, atualmente, a disciplina que ensina o Jornalismo Literário é encontrada na grade curricular dos estudantes de jornalismo nas universidades paraibanas que ofertam o curso de comunicação, a Universidade Estadual da Paraíba<sup>2</sup>, por exemplo, é uma delas. O que dá a oportunidade para que os alunos desenvolvam matérias nessa área ainda durante a graduação.

É o caso da reportagem que foi analisada no presente trabalho. Intitulada “Cela 15-Ventres Encarcerados”, a reportagem foi produzida por quatro estudantes do curso de Jornalismo na Universidade Federal da Paraíba, sob orientação do professor Edônio Alves. As

---

<sup>2</sup> Disciplina de Jornalismo e Literatura, ofertada a partir do 2º período da graduação.

autoras: Daniella Fechine, Elisa Damante, Gabriela da Silva e Ivone Beatriz tinham como objetivo principal ao produzir essa matéria o de resgatar e utilizar técnicas do jornalismo literário para contar a história de três mulheres que vivem na cela 15 da Penitenciária de Reeducação Feminina Maria Júlia Maranhão, em João Pessoa na Paraíba. A cela em questão é destinada para que detentas grávidas, após o nascimento da criança, possam amamentar e cuidar dos seus filhos até os seis meses, quando estes são entregues à parentes fora do cárcere.

Para tal finalidade, optamos por usar a teoria e método da Análise do Discurso francesa, ligada à Pecheux. Também conhecida como “a disciplina da interpretação”, a AD francesa passa a considerar o sujeito e a história no contexto dos estudos linguísticos, tendo como base o marxismo e a psicanálise.

Assim, levando em conta a tese da interpelação do sujeito pela ideologia, desenvolvida pelo também francês Louis Althusser (1971), Pêcheux define discurso como um fenômeno constituído não por apenas elementos linguísticos, mas por elementos “extralinguísticos”, sendo esses elementos fatores como: estrutura da formação social, ideologia, posições de classe, contexto histórico etc.

A partir do conceito de discurso proposto pelos autores mencionados acima, foi feita a análise dos enunciados da reportagem Cella 15 – Ventres Encarcerados, buscando examinar o teor ideológico por trás de cada discurso ali escrito, assim como aqueles ocultos por trás das palavras.

Ao finalizar a análise discursiva da referida reportagem foi percebida a predominância de um discurso durante a maior parte da construção do produto jornalístico, o discurso religioso-familiar. Além disso, ficou perceptível também a utilização da estrutura textual e narrativa característica do Jornalismo Literário.



## 2 JORNALISMO LITERÁRIO: CONTEXTUALIZAÇÃO

Não é sabido ao certo a origem da literatura como formato de arte, autores como Charles Higounet em sua obra *História Concisa da Escrita* (2003), apontam que, a partir do surgimento da escrita, obras literárias também surgiram. Para Higounet, a escrita é mais que um instrumento que emudece a palavra, ela transforma a cultura em uma possibilidade transmissível, como as leis, a filosofia, o comércio, a religião, a poesia, e a história. A escrita faz de tal modo parte da nossa civilização que poderia servir de definição dela própria, dividindo a história em duas imensas eras, antes e a partir da escrita. Deste modo, a escrita não é um procedimento destinado apenas para a fixação da palavra, mas também dá acesso ao mundo das ideias. O que se sabe de fato é que a humanidade tem seu início com a necessidade mundana de se comunicar. A comunicação sempre se configurou como uma necessidade básica do ser humano e mote para o desenvolvimento social e civilizatório.

E essa temática de contar histórias vai além do ato de apenas transmitir informações. Segundo o comunicador Juan Diaz Bordenave (2013, p.7), “ao se aprimorar o conhecimento sobre esse tema contribui-se para que muitas pessoas adotem uma posição mais crítica e exigente em relação ao que deveria ser a comunicação em sua sociedade.” Ao se aprofundar na história do surgimento do exercício de se comunicar, Bordenave disserta que:

(...) começou com os grunhidos e os gestos dos poucos homens recém emergidos da animalidade original, evoluiu e se enriqueceu em seu conteúdo e em seus meios, ganhando cada vez maior permanência e alcance, aumentando sua influência nas pessoas, e através delas, incidindo na cultura, na economia e na política das nações. (BORDENAVE, 2013, p.26)

Ao nos apresentar esse conceito, o autor demonstra as diversas funções da comunicação e aponta que entre elas estão: a instrumentalização, a informação, a regularização e, principalmente, o uso de servir de interação entre pessoas e sociedade. A comunicação é posta aqui como a base de todas as relações humanas e também da atividade pensante.

É dessa demanda por comunicação que o exercício jornalístico irá surgir ainda em 59 a.C, a partir da exigência do imperador romano Júlio César de que seria oficial e obrigatória a produção e exposição em local público de uma folha diária em que eram descritos acontecimentos rotineiros de Roma, como casamentos, nascimentos e óbitos, além da anunciação de novas leis e decretos. A folha tornou-se conhecida como *Acta Diurna* e é considerada como o início oficial do jornalismo.

A partir de então, transformar esses acontecimentos diários em conteúdo noticioso passou a ser a missão diária dos profissionais de jornalismo. E fazer jornalismo iria muito além dos meros relatos factuais e efêmeros do dia a dia, tratando-se de um trabalho de construção, no qual a linguagem e a narrativa são os elementos determinantes dos significados. E narrar nada mais é que “um fenômeno que transcende em muito o fazer jornalístico e sua configuração textual. Narrar é estabelecer um modo de compreensão do mundo, de configurar experiências e realidades, de comunicar-se com o outro.” (LEAL, 2013, p.28)

Porém, sob os efeitos econômicos, políticos e das transformações sociais e culturais, o ato de narração jornalística precisou ser sistematizado e metodizado. É a partir desse momento que conceitos como o da pirâmide invertida e o do lead irão surgir para ditar as regras de como fazer jornalismo da forma mais acertada possível, com o objetivo de entregar a notícia de maneira rápida e objetiva.

Apesar da eficácia na transmissão rápida e sucinta de notícias, a aplicação desta técnica tende a transformar o trabalho jornalístico em uma rotina e, para autores como Carlos Castilho, estando muito ligada ao ineditismo e à busca pela imparcialidade. Castilho explica que, principalmente depois do advento da internet, a hegemonia da pirâmide invertida chegou ao fim:

Na internet, a notícia está em todas as partes — o que torna irrelevante a preocupação com o “furo jornalístico”. Muito mais importante é saber quais são as causas, consequências e os atores envolvidos num fato qualquer. Numa era de superabundância informativa, uma notícia só tem valor de uso quando associada ao seu contexto ou quando dá ao leitor condições de poder situá-la em seu ambiente particular (CASTILHO,2013).

Autores como o ensaísta Marcondes Filho afirmam que a modernização do mundo é o grande x da questão. As novas tecnologias, a velocidade acelerada da vida moderna e a obsolescência das mídias tradicionais, sobretudo do meio impresso, são os principais fatores para a chamada ‘crise do jornalismo.’ Para Marcondes Filho (2000, p. 31), “a tecnologia imprime seu ritmo e sua lógica às relações de trabalho, definindo os novos profissionais, a nova ética de trabalho, em suma, um outro mundo, que mal deixa entrever os sintomas do que convencionou chamar no passado de jornalismo”. Em seu livro, o autor chama os jornalistas de cães malditos, que, todavia, continuam a existir por aí, “apesar de terem perdido o faro investigativo, a fúria desbravadora e a coragem de tudo desvendar.”

É dentro de tal contexto que irá surgir o Novo Jornalismo ou Jornalismo Literário. Por meio da necessidade que se enxergou de distanciar-se dessa forma engessada e distante de fazer

jornalismo, repórteres estadunidenses passaram a integrar o estilo de narrativa literária à escrita de suas notícias e histórias.

Apesar de ter seu surgimento datado e acordado na década de 60, o jornalismo literário já era uma prática um tanto comum em alguns jornais e periódicos pelo mundo, sendo praticada inclusive por autores famosos como o romancista inglês, Charles Dickens, precursor desse formato jornalístico. Em 1835, o autor se tornou jornalista e cronista judicial em jornais britânicos, tendo em seu trabalho fortes traços da narrativa literária.

Já nos Estados Unidos, na década de 40, outro autor famoso também já ousava incrementar ao jornalismo alguns traços característicos da escrita literária. Ernest Hemingway ganhou notoriedade após trabalhar como correspondente de guerra em Madrid, durante a Guerra Civil Espanhola. Sua principal finalidade era escrever de um jeito que tocasse o leitor de maneira significativa, sem deixar de comunicar de forma autêntica os fatos.

Porém, o marco inicial do que viria a ser chamado de jornalismo literário, aconteceu em 1946, quando a revista *The New Yorker* dedicou toda uma edição para publicar Hiroshima, de John Hersey, livro que viria a se tornar uma das principais referências dessa forma de fazer jornalístico. O livro, escrito em 6 semanas de trabalho de campo, narra com precisão e riqueza de detalhes a devastação e as trágicas consequências da bomba atômica, atirada na cidade de Hiroshima, no Japão, em 1945, final da 2ª Guerra Mundial. Através de um relato repleto de características literárias, Hersey consegue trazer humanização e expor o medo, a confusão e o pânico que marcaram a catástrofe e as suas vítimas. O impacto do livro foi tanto que:

A cadeia de rádio ABC pôs no ar atores lendo a reportagem de Hersey. A BBC, em Londres, fez o mesmo. Albert Einstein enviou um pedido de compra de mil exemplares, mas não pôde ser atendido. Quando foi editada em livro, o Clube do Livro do Mês distribuiu um milhão de cópias gratuitamente a seus associados. A matriarca do colunismo sobre celebridades de Hollywood, Louella Parsons, incluiu John Hersey na lista dos dez americanos mais importantes de 1946 (SUZUKI Jr., 2002, p. 161-162).

A partir desse evento, a revista *The New Yorker* passou a levar forte incentivo a jornalistas que apresentavam talento para a cobertura no estilo narrativo. É assim que surge a figura de Truman Capote, em 1956. O diferencial desse jornalista é que suas publicações podiam ser facilmente confundidas com um romance de ficção. Entretanto, todos os fatos narrados eram verídicos e apurados através de um trabalho de campo jornalístico de Capote. A busca de Capote pela verdade em sua obra *A Sangue Frio* (1967) demorou seis anos, intervalo



de tempo entre o assassinato dos Clutter<sup>3</sup> e a execução dos assassinos. O repórter escritor alega ter investigado mais de oito mil páginas, incluindo os enormes depoimentos de testemunhas e acusados que foram reunidos pela justiça. Ele ainda entrevistou, repetidas vezes ao longo de três anos, as pessoas que tinham qualquer tipo de envolvimento com o caso, resultando em centenas de horas de conversas exaustivas com os mesmos personagens. Também refez a rota de fuga dos criminosos até o ponto no qual foram presos, em Las Vegas, “exercitando incansavelmente o chamado mergulho em profundidade no tema, que é um dos procedimentos requeridos pelo melhor jornalismo literário” (SUZUKI JR., 2003, p. 439). Outro atributo que o distinguia e que, mais tarde, seria passado para mais autores desse período, era que Capote se negava a fazer anotações ou gravações de suas apurações e entrevistas. O escritor acreditava que tais apetrechos criavam um clima artificial e distanciava o jornalista do entrevistado.

Foi Truman Capote que definiu dois dos principais atributos do jornalismo literário: a observação atenta e a escuta plena. Foi com o livro intitulado *A Sangue Frio* que Capote ganhou respeito em meio aos jornalistas, não mais como mero replicador de histórias, mas sim alguém capaz de passar sentimentos e humanidade em seus relatos jornalísticos. *A Sangue Frio* é um livro considerado como um romance jornalístico, narrando a história do assassinato de uma família de fazendeiros no Kansas por dois supostos ladrões. Sobre essa obra, Capote afirma:

Todo o material por mim utilizado nesse livro, quando não é fruto de minha observação direta, provém de arquivos oficiais ou resulta das minhas entrevistas com pessoas diretamente interessadas nessa história, entrevistas que, na maioria dos casos, repetiram-se por tempo indefinido. (CAPOTE, 1954, prefácio).

Em 1969, influenciado fortemente pelo trabalho desenvolvido por Capote, surge Gay Talese, jornalista também norte-americano e que emergiu seu trabalho no jornalismo literário. Publicando matérias que serviram como marco desse movimento, a título de exemplo: *Reino e o Poder- Uma história do New York Times* e *Honrados Mafiosos*, que contava a história de uma família de mafiosos italianos e como funcionava tal organização criminosa. Mas foi com o seu perfil de Frank Sinatra que Gay Talese se consagrou como jornalista literário, sendo tal perfil considerado como um manual de como fazer um excelente trabalho jornalístico.

A publicação intitulada *Frank Sinatra está resfriado*, lançada na revista *Esquire*, em abril de 1966, sintetizou tudo aquilo que o jornalismo literário de fato é, o encontro entre reportagem e ficção.

---

<sup>3</sup> Em 1959, a família Clutter foi encontrada morta em sua fazenda no estado do Kansas, nos EUA. O pai, a mãe e os dois filhos adolescentes foram amordaçados e baleados por Richard Eugene Dick e Perry Smith.

Sinatra estava doente. Padeceu de uma doença tão comum que a maioria das pessoas considera banal. Mas quando acontece com Sinatra, ela o mergulha num estado de angústia, de profunda depressão, pânico e até fúria. Frank Sinatra está resfriado. Sinatra resfriado é Picasso sem tinta, Ferrari sem combustível – só que pior (TALESE, 2004, p.258).

Foi só através desse relato que humanizou por completo uma celebridade ao porte de Frank Sinatra, o aproximando de seus fãs e das pessoas de vida comum, que pareciam desconhecer, até então, que o cantor enfrentava problemas comuns de qualquer outro ser humano, como um simples resfriado. O leitor pode sentir desde o primeiro parágrafo, o perfil do cantor ítalo-americano não está interessado em contar quantos anos tem Sinatra ou quantos discos e prêmios acumulou, mas em mergulhar no universo do artista. A partir dessa imersão, o texto ajuda a compreender questões complexas, como o panorama geral que consagrou Sinatra, a mídia, a máfia ou a cultura italiana, entre outras relações abordadas na matéria. Sendo de suma importância destacar que todo o perfil foi construído a partir da observação atenta de Capote sobre o cotidiano do cantor e da entrevista com pessoas do convívio diário de Sinatra, uma vez que este se recusou a ser entrevistado por estar doente.

Para muitos entusiastas desta linha no jornalismo, *Frank Sinatra está resfriado* é o melhor exemplo do que a combinação entre jornalismo e literatura pode oferecer. Isto é, aprofundamento de histórias, aproximação entre consumidor e notícia, humanização, processo de empatizar com personagens e cenários e construção de uma perspectiva mais participativa e significativa do que é um fato jornalístico.

No contexto do cenário brasileiro do Jornalismo Literário também há grandes nomes a serem mencionados, como os jornalistas Paulo Patarra, Daniela Arbex e Eliane Brum.

Patarra foi o principal nome da Revista Realidade, publicação brasileira lançada pela Editora Abril em abril de 1966 e em circulação até março de 1976. A revista ficou marcada pela forte inspiração no Novo Jornalismo americano, trazendo grandes reportagens em profundidade, que permitiam que o repórter ‘vivesse’ a matéria por meses até a sua publicação.

Daniela Arbex é uma jornalista natural de Minas Gerais e conhecida por grandes obras como *Holocausto Brasileiro* (2019) e *Todo dia a mesma noite: a história não contada da Boate Kiss* (2018). Arbex segue uma filosofia de apuração muito partilhada entre os bons jornalistas literários: o menor interesse na exatidão das palavras de suas entrevistas, como faz o jornalismo rotineiro, e maior interesse em vislumbrar os sentidos mais profundos mascarados pelas palavras dos entrevistados.

De acordo com a autora: “Somente a partir da apuração, checagem e entrevistas, o material levantado pode ser *decupado*, iniciando-se o processo de escrita e adequação das ferramentas literárias.” (ARBEX, 2019). Dessa forma, a narrativa consegue ser rica em detalhes, humanizada e pungente. Nas palavras dela: “O meu processo de apuração acontece em uma imersão profunda.” (ARBEX, 2022).

Já em relação a Eliane Brum, de acordo com entrevista feita com Brum para o portal *Escrevendo o Futuro*<sup>4</sup>, a jornalista natural do Rio Grande do Sul teve sua paixão pela leitura e escrita despontada ainda criança e seu primeiro livro foi publicado aos onze anos. Quando concluiu o curso de Jornalismo, em 1988, Eliane tornou-se uma repórter diferenciada, que privilegiava o lado humano das pautas que cobria. A jornalista se considera uma “escutadeira”, não só da palavra dita, mas de cada silêncio, gesto e hesitação de seus entrevistados. Atualmente, Brum atua como colunista do El País Brasil, onde sempre se utiliza de técnicas do jornalismo literário para se distanciar do formato exclusivamente informativo do jornalismo tradicional. Porém, mesmo diante dessa perspectiva de grandes autores brasileiros que contribuem para o jornalismo literário, esse espaço ainda é modesto tanto nos veículos midiáticos como nas editoras do país. Para o jornalista Márcio Souza:

O grande drama do jornalismo literário no Brasil é que jamais se tentou criar um mercado de leitores no país. Daí a pergunta: para quem se dirige o jornalismo literário? País com baixa densidade de leitores, o mundo literário não passa de uma ficção, de terreno para viagens egocêntricas. (SOUZA, 2008)

## 2.1 CARACTERÍSTICAS DO JORNALISMO LITERÁRIO

O Jornalismo Literário nada mais é do que uma interseção entre realidade, representada pelo jornalismo, com a ficção, aqui representada pela literatura. De maneira resumida, o jornalismo literário busca informar acontecimentos utilizando uma narrativa própria da ficção. Essa conceituação se torna evidente através do registro de fatos objetivos, ou seja, o factual do jornalismo, usando uma linguagem mais subjetiva e dando mais espaço para a expressão do repórter e da individualidade dos personagens entrevistados, como acontece no texto literário.

Para assimilar melhor essa confluência do jornalismo com a literatura é necessário compreender as características fundamentais de cada um.

---

<sup>4</sup> <https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/biblioteca/nossas-publicacoes/revista/entrevistas/artigo/209/entrevista-eliane-brum>



Em um dos seus livros, intitulado *Linguagem Jornalística* (2005), o jornalista e professor Nilson Lage listou algumas características primordiais que devem estar presentes em todo texto jornalístico. São elas: é um texto de consumo imediato; procura sempre obter informação conceitual; precisa ser versátil; não precisa, necessariamente, seguir o uso formal da língua.

O texto jornalístico, em sua criação, precisa ser pensado como algo a ser consumido imediatamente pelo público. É preciso ter em mente que o leitor está buscando informações sobre acontecimentos e fatos, e não contemplando as palavras e frases que ali estão como ocorre com os textos literários, por exemplo. Dessa forma, o jornalismo não se preocupa demasiadamente com a estética textual, mas sim, com a concisão, precisão e fácil e rápido entendimento da notícia que está sendo dada.

Além disso, a busca por informação conceitual, de acordo com Lage, é incessante na atividade jornalística. Isso porque o principal dever do profissional de jornalismo é escrever aquilo que será compreendido, porém, mais do que isso, o texto precisa de valor referencial. Isto é, não basta compreender a informação, o leitor deve ter ciência do que essa informação leva, o que significa pensar na construção do texto para além do fato isolado.

Não obstante, o texto jornalístico precisa carregar em si versatilidade. Muitas coisas acontecem diariamente no mundo e, por essa razão, a sua descrição não pode se limitar ao fornecimento de formas rígidas, porque elas não dão conta da variedade de situações encontradas no mundo. É necessário conciliar o uso formal da língua com uma linguagem coloquial, espontânea, inspirada na versatilidade de acontecimentos que existem na sociedade.

Por fim, o uso do português gramaticalmente correto à risca não é uma regra no jornalismo. O principal objetivo do texto jornalístico é ser entendido por todos, isso significa que ele deve ser compreendido pela classe alta, tanto quanto pela classe baixa, tanto pelos escolarizados, quanto pelos não escolarizados. É fundamental saber usar a língua portuguesa no intuito de ser compreendido, antes de se preocupar em usá-la de maneira formal.

No *Jornalismo Literário*, todas estas características citadas acima estão presentes. Além delas estarão também os atributos representativos do texto literário.

A principal diferenciação do texto literário em relação ao texto jornalístico é sua carga estética. A literatura exerce uma carga ficcional, além de fazer referência à função poética da linguagem. O texto literário se concentra, de maneira geral, na expressividade do seu autor. Nesse tipo de construção, há uma série de manifestações poéticas que permitem que haja espaço para o subjetivo. Dessa forma, ao listarmos as características principais do texto literário

teremos: a ênfase na função poética da linguagem; aspecto subjetivo; uso da conotação; plurissignificação e a ficcionalidade<sup>5</sup>.

A ênfase na função poética da linguagem está diretamente ligada à estética do texto. Para construir esse aspecto estético serão utilizadas figuras de linguagem, a musicalidade e outros elementos que conferem à escrita uma alta carga de expressividade.

O aspecto subjetivo, por sua vez, diz respeito ao uso da personalidade e individualidade da linguagem e do autor e leitor. A esfera subjetiva é caracterizada, sobretudo, pelas emoções, sentimentos, valores, crenças e vivências do indivíduo, o que transforma o que é escrito em algo pessoal, podendo um mesmo texto ter múltiplas interpretações.

Além disso, dentro do constructo do texto literário tem forte presença também o uso da conotação. A conotação sendo nada mais que o uso da linguagem figurada, repleta de significações e sentidos ocultos nas entrelinhas da interpretação. Interpretação esta que pode apresentar uma plurissignificação, isto é, devido à alta subjetividade presente nos textos literários, é admissível encontrar diversas interpretações para um mesmo texto.

Por último, outra particularidade do texto literário é a ficcionalidade. Esse traço da literatura permite aos escritores criarem *mundos* em que se irão localizar as situações textuais. Assim, os ambientes da história não precisam ser reais e são a base para o desenvolvimento do enredo. Esta última característica, entretanto, é pouco vista no Jornalismo Literário, uma vez que, por ser em sua essência jornalismo, preza pela veracidade dos fatos e situações.

## **2.2 INTERCOM: GRANDES REPORTAGENS – CELA 15, VENTRES ENCARCERADOS**

A reportagem que foi objeto de estudo da presente pesquisa, Cella 15 – Ventres Encarcerados, foi produzida por quatro estudantes do curso de Jornalismo na Universidade Federal da Paraíba, sob orientação do professor Edônio Alves. A referida apuração jornalística foi premiada em 2016, no congresso regional da Intercom, com o prêmio de melhor reportagem na categoria Jornalismo Impresso do Nordeste, o que foi noticiado do Jornal A União<sup>6</sup>, na edição publicada no dia 23/09/2017.

A reportagem Cella 15 – Ventres Encarcerados trata da história de três mulheres que, até o momento da publicação da reportagem viviam na cela 15 da Penitenciária de Reeducação

<sup>5</sup> WARLEY SOUZA. **Brasil Escola**. 2023? Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/literatura/texto-literario.htm>>. Acesso em: 15 mar. 2023.

<sup>6</sup> [https://auniao.pb.gov.br/noticias/caderno\\_diversidade/jornalismo-literario-extrai-a-historia-e-a-essencia-do-fato](https://auniao.pb.gov.br/noticias/caderno_diversidade/jornalismo-literario-extrai-a-historia-e-a-essencia-do-fato)

Feminina Maria Júlia Maranhão, em João Pessoa, na Paraíba. Cella esta destinada para grávidas e mulheres com filhos de até seis meses.

O principal objetivo das autoras Daniella Fechine, Elisa Damante, Gabriela da Silva e Ivone Beatriz ao produzirem juntas essa matéria foi o de resgatar e utilizar técnicas do jornalismo literário para dar espaço e voz às mulheres.

A reportagem foi concebida, de maneira inicial, como uma forma de pôr em prática os conhecimentos adquiridos na disciplina de Jornalismo Impresso, porém, após apenas duas visitas à Penitenciária de Reeducação Maria Júlia Maranhão ficou evidente que havia graves problemas, que feriam a dignidade humana e a ligação entre mãe e filho<sup>7</sup>.

A reportagem em profundidade, principal característica suportada pelo Jornalismo Literário, acabou sendo, para as autoras, a preferência mais acertada para elucidar tais problemas e trazer para o discurso das três personagens uma perspectiva mais humanizada e sensível.

Com um trabalho de observação, investigação, entrevistas, visitas e conversas, também muito marcante da vertente literária do jornalismo, onde é preferível que o jornalista pratique sua escuta atenta e observação dos detalhes, tornou-se mais simples perceber que a realidade encontrada entre quatro paredes e uma grade de ferro é bem diferente daquela que se observa no mundo longe dos muros. A proposta era mostrar que dentro da Cella 15, além de mulheres, existem também mães que criam seus filhos com o mínimo de recurso possível, amamentando e vendo-o crescer apenas até os seis meses já que, após essa idade, a criança é entregue à família.

A concepção principal da reportagem aqui estudada foi mesclar entre fotos, depoimentos e impressões a realidade que as quatro estudantes puderam presenciar. Foi-se aproveitado como material jornalístico tudo possível. Desde a captação de simples expressões e gestos até declarações de histórias de vida. A jornalista e escritora brasileira, Eliane Brum (2006), destaca que “o dito é, muitas vezes, tão importante quanto o não-dito, o que o entrevistado deixa de dizer, o que omite. É preciso calar para ser capaz de escutar o silêncio”.

Para além do uso e prática das técnicas do Jornalismo Impresso e do literário, a reportagem tem como intuito elementar desmistificar o tema e iluminar novas perspectivas. Observa-se que o cenário do presídio que foi visitado para a construção da reportagem está relacionado a diversos problemas sociais. Tendo em sua maioria, jovens, negras, oriundas da periferia sem muitas oportunidades, não é difícil perceber que a situação é consequência de um ‘efeito dominó’. Levando em conta esse fato, ainda durante entrevista concedida ao Jornal A

---

<sup>7</sup> LIRA, Mariana. Jornalismo Literário extrai a história e a essência do fato. **Jornal A União**, João Pessoa, 23 set. 2017.

União, as autoras contam que foi outro dos objetivos durante a construção da matéria, trazer um novo ângulo sobre a temática, uma vez que, os grandes meios midiáticos tratam a situação carcerária do país de maneira rápida e rasa, sem analisar o contexto histórico e social dos perfis encontrados nas penitenciárias brasileiras.

Para compor essa nova ótica sobre o tema foram utilizados métodos que aproximaram jornalistas de entrevistadas. O primeiro deles foi estabelecer um tom de conversa e não de entrevista. As personagens, dessa forma, se sentiram acolhidas e ouvidas e, nunca eram interrompidas, seus relatos era apurados de forma completa e observadora.

Em síntese, o intento mais indispensável durante a construção da reportagem aqui a ser analisada foi o de mostrar que, apesar dos crimes cometidos pelas mulheres, é necessário nunca ignorar a condição humana.

À vista disso, é possível concluir que, ao se utilizar das técnicas propostas pelo Jornalismo Literário em junção com a propositura de aludir o tema sob um viés divergente do habitual, a reportagem Cella 15 – Ventres Encarcerados cumpre seu papel enquanto produto jornalístico repleto de humanidade e sensibilidade em direção aos seus personagens. Sendo no presente trabalho examinado a partir da ótica dos preceitos literários, tais como a plurissignificação, o uso da conotação e a metáfora, dentro do jornalismo e da *Análise do Discurso Francesa*.

### **3 POR QUE A ANÁLISE DO DISCURSO?**

O principal ponto da Análise do Discurso é considerar que não há a mínima neutralidade no uso mais rotineiro da linguagem, uma vez que ela sempre será lugar para manutenção ideológica. O principal objetivo desse campo da linguística é a análise do uso da língua, mais especificamente como se dão as construções ideológicas em um discurso.

Nessa análise discursiva, o discurso é uma construção social, ou seja, reflete a ideologia de quem fala ou escreve. Por isso, deve-se realizar a análise de um discurso levando em consideração uma série de fatores, como todo o contexto histórico-social e outras variáveis que certamente influenciam o discurso.

Inicialmente, podemos assentir que discurso, tomado como objeto da Análise do Discurso, não é a língua, nem texto, nem fala, mas, ao mesmo tempo, necessita de tal aporte linguístico para garantir sua existência material. Dessa maneira, podemos afirmar que discurso implica uma exterioridade à língua, encontra-se no social e envolve questões de natureza não exclusivamente linguísticas.

Na Análise do Discurso é compreendido que palavras sempre podem ter seus sentidos modificados, a depender do locutor, interlocutor e do espaço em que são empregadas e das circunstâncias sociais. A partir da observação desses fatores se torna possível a construção do discurso. Ou seja, analisar o discurso significa interpretar os sujeitos, uma vez que, a ideologia se materializa no discurso que, por sua vez, é materializado pela linguagem.

O estudo do discurso toma a língua exteriorizada em sua forma textual, tendo o discurso como objeto. A análise então, se destinará a elucidar os sentidos do discurso tendo em vista suas condições ideológicas de produção. E, como o discurso encontra-se na exterioridade, o analista necessita abandonar as estruturas linguísticas para chegar até ele. Trata-se, nesse contexto, de compreender a singularidade da existência do enunciado e suas condições de produção.

#### **3.1 ANÁLISE DO DISCURSO FRANCESA**

A AD de linha surgida na França segue seu desenvolvimento a partir da contribuição de outros três campos de estudo: o Marxismo, a Psicanálise e a Linguística.

Então, pode-se considerar que o discurso não é formado no sujeito livre, mas é formado por um processo ideológico e que, só a partir deste, é possível a construção de um discurso. Isto significa que analisar as condições em que o sujeito está inserido é imprescindível para alcançar

a compreensão do discurso que por ele é reproduzido. Como nos mostra Pêcheux, as formações ideológicas e as várias formações discursivas estão interligadas e determinam o que é dito ou não.

Os ensaios desenvolvidos por Pêcheux serão influenciados pela concepção de ideologia desenvolvida pelo também francês Louis Althusser em sua obra intitulada *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado*. Para o teórico, a ideologia interpela os indivíduos como sujeitos. Em tal perspectiva, “só existe ideologia pelo sujeito e para sujeitos. Entenda-se: só existe ideologia para sujeitos concretos, e esta destinação da ideologia só é possível pelo sujeito: estenda-se, pela categoria de sujeito e pelo seu funcionamento.” (ALTHUSSER, 1980, p. 93).

Em relação a isso, Pêcheux reflete que:

[...] o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc, não existe em si mesmo (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante) mas, ao contrário é determinado pelas posições ideológicas que estão colocadas em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas. Chamaremos, então, formações discursivas aquilo que, em uma conjuntura dada, determinada pelo estado de luta de classes, determina o que pode e deve ser dito. (PÊCHEUX, 1983, p.160)

Ademais, a construção teórica de Pêcheux é fundamentada por alguns conceitos como o de discurso, sujeito, interdiscurso e formação discursiva. Entretanto, antes de permear tais conceitos é necessário explanar a respeito do que são as formações ideológicas e seus meios de produção, teses fortemente trabalhadas por Althusser.

### 3.2 FORMAÇÕES IDEOLÓGICAS

Para Louis Althusser, uma sociedade formada precisa reproduzir suas condições de produção para se manter e sobreviver no meio. Althusser afirma que: “Até uma criança sabe que se uma formação social não reproduz as condições da produção ao mesmo tempo que produz não conseguirá sobreviver um ano que seja. A condição última da produção é, portanto, a reprodução das condições de produção.” (ALTHUSSER, 1970, p.9). Não somente, mas, para garantir sua existência, toda a sociedade deve produzir e reproduzir e, não obstante, reproduzir as forças produtivas e as relações de produção existentes.

Ao analisar as relações de produção existentes fica perceptível a ligação de dominância de uma sobre as demais. Os processos de produção deste modo de produção dominante põem em movimento a força de trabalho, os meios de produção e as relações de produção definidas por este modo de produção. Esta força de trabalho seria assegurada através do fornecimento do



meio material de se reproduzir, o salário. Porém, mais do que isso, para o autor, a força de trabalho é qualificada ainda no meio escolar, ou seja, aconteceria de fora da produção para dentro.

“[...] ao mesmo tempo que a escola ensina estas técnicas e conhecimentos, ensina também as regras dos bons costumes, isto é, o comportamento que todo agente da divisão do trabalho deve observar, segundo o lugar que está destinado a ocupar. Ensina também a bem falar, a redigir bem, o que significa exatamente, para os futuros capitalistas, a mandar bem.” (ALTHUSSER, 1970, p.21)

Isto posto, compreende-se que a reprodução da força de trabalho tem como prognóstico e condição de eficácia a reprodução da qualificação da força de trabalho e a reprodução da sujeição à ideologia dominante. Ambas caminham lado a lado. Ou seja, é precisamente através das formas de sujeição à ideologia dominante que a reprodução da qualificação da força de trabalho acontece.

Em poucas palavras: A reprodução da força de trabalho é assegurada através da submissão ideológica.

Entretanto, Althusser irá apresentar em seu ensaio evidências de que não somente a escola é responsável por tal manutenção da capacidade de alguns poucos manterem a ideologia da classe dominante. Outros aparelhos de Estado, como o Exército ou a Igreja ensinam saberes em moldes que permitem afirmar e reafirmar a sujeição à classe dominante. E seria justamente o Estado a grande expressão que a classe dominante garanta sua dominação sobre a classe operária. Mais do que isso, *o Estado é o aparelho do Estado*. Tal aparelho de Estado seria formado por instituições como a polícia, os tribunais, as prisões, os chefes de estado, o exército, sendo todos estas forças repressivas. Ou seja, para Louis Althusser, *o Estado é formado pelo Aparelho repressivo de Estado e o Aparelho Ideológico de Estado* e a luta de classes teria como principal objetivo o poder de Estado e, conseqüentemente, a utilização do aparelho de Estado em favor das intenções da classe trabalhadora.

Porém, nossa tese de maior interesse é o que Althusser acrescenta à teoria marxista do Estado, isto é, o conceito de Aparelhos Ideológicos de Estado. Os Aparelhos Ideológicos de Estado funcionarão massivamente através da ideologia difundida pelas instituições. De acordo com o autor: “Designamos por Aparelhos Ideológicos de Estado um certo número de realidade que se apresentam ao observador imediato sob a forma de instituições distintas e especializadas.” (ALTHUSSER, 1970, p.43)

São considerados Aparelhos Ideológicos de Estado as seguintes instituições: igrejas, escolas, a família, o jurídico, a política, as formações sindicais, a imprensa e a cultura.

Para Louis Althusser, as ideologias são concepções de mundo, na sua grande parte, imaginárias, sem correspondência com o mundo real, porém fazem alusão ao mundo real. Dessa forma, a ideologia serviria para representar a relação dos homens com as suas respectivas condições de existência. Ele afirma: “Uma ideologia existe sempre num aparelho, e na sua prática ou suas práticas. Esta existência é material.” (ALTHUSSER, 1970, p.84). E, mais do que isso: “Só existe prática através e sob uma ideologia, só existe ideologia através do sujeito e para sujeitos.” (ALTHUSSER, 1970, p.91).

É através dessa tese apresentada acima que se chega ao cerne da questão proposta por Althusser. Só é possível a existência da ideologia pelo sujeito e para sujeitos, isso porque o funcionamento da ideologia depende da existência do sujeito que irá ser meio para a ideologia se materializar em prática. Para além disso, a categoria sujeito existe em toda ideologia, isto é, somos sempre já sujeitos, mas, ao mesmo tempo, toda ideologia tem por função constituir os indivíduos em sujeitos.

De acordo com o autor: “A existência da ideologia e a interpelação dos indivíduos como sujeitos são uma única e mesma coisa.” (ALTHUSSER, 1970, p.100).

“A ideologia sempre-já interpelou os indivíduos como sujeitos, o que nos leva a precisar que os indivíduos são sempre-já interpelados pela ideologia como sujeitos, e nos conduz necessariamente a uma última proposição: os indivíduos são sempre-já sujeitos. Portanto os indivíduos são abstratos relativamente aos sujeitos que sempre-já são.” (ALTHUSSER, 1970, p.102).

### **3.3 MICHEL PÊCHEUX E A ANÁLISE DO DISCURSO**

Para a proposição da sua teoria em *Análise do Discurso*, Pêcheux se baseou em importantes estudos realizados pelo também francês, Louis Althusser. Sendo a tese central de Althusser a interpelação do indivíduo em sujeito através da Ideologia, Pêcheux irá expandir essa ideia ao fazer relação com o inconsciente e com o discurso.

Para o autor, o conceito de Ideologia de forma isolado, permite presumir o homem como um animal ideológico. Dessa forma, a ideologia e o inconsciente são os elementos de constituição do indivíduo em sujeito. Mais do que isso, os estudos pêcheuxianos declaram que o sujeito é chamado à existência. Assim, o ‘não-sujeito’ é interpelado pela ideologia e então constituído como sujeito.

Em suas ponderações, Pêcheux também explica a forma de perpetuação da ideologia. Para ele, toda ideologia se reproduz através da prática. Esse assujeitamento à Ideologia é o que

nos informa o que é e o que deve ser. Ou seja, é a Ideologia que nos supre com as evidências daquilo que “todo mundo sabe” e que acabam por acobertar o que Pêcheux denomina de *caráter material do sentido* das palavras e dos enunciados. Tal conceito significa que todo sentido possui uma dependência constituidora do complexo das formações ideológicas. O autor explica essa dependência através de duas teses.

A primeira dessas teses é chamada de Formação Discursiva. O que irá consistir em posicionar o sentido de uma palavra, expressão, enunciado, etc, como não existente em si mesmo e totalmente determinado e dependente do posicionamento ideológico no qual está inserido. Assim, o não-sujeito torna-se sujeito falante, o que significa sujeitos de seu discurso.

Isto posto, Pêcheux deixa esclarecido que a um enunciado não tem um sentido seu próprio, ou seja, um sentido literal. Longe disso, o sentido das palavras será constituído na Formação Discursiva e nas relações que tal enunciado possui com outros enunciados da mesma Formação Discursiva. É na Formação Discursiva que as palavras, expressões e proposições tomam sentido.

Em sua segunda tese, o autor nos introduz o conceito de *interdiscurso* para elucidar o “todo complexo dominante” das formações discursivas. O interdiscurso reside na objetividade material da formação discursiva, em que “algo fala” sempre “antes, em outro lugar e independentemente”, o que significa que sempre se está sob a dominação do complexo das formações ideológicas. E, para além dessa dominação, o interdiscurso se constitui de discursos que possuem sua ilusão de origem do dizer garantidas pelo inconsciente do sujeito. O interdiscurso faz parte do funcionamento do *pré-construído*, que seriam as evidências buscadas pelo pensamento na exterioridade e na pré-existência, articulando enunciados e ideias, o que constitui um retorno àquilo que já é sabido.

Concluiremos esse ponto dizendo que o funcionamento da Ideologia em geral se realiza através do complexo das formações ideológicas (e, especificamente, através do interdiscurso intrincado nesse complexo) e fornece “a cada sujeito” sua “realidade”, enquanto sistema de evidências e de significações percebidas – aceitas – experimentadas. (PÊCHEUX, 1995, p.162)

A partir disso, Pêcheux faz um acréscimo à definição do *pré-construído* introduzindo o conceito de “articulação” que seria a relação do sujeito com o sentido. Essa concepção de articulação representa, no interdiscurso, aquilo que determina a dominação da forma-sujeito.

Através da explanação dessas tuas teses expostas pelo autor podemos agora estabelecer que a formação do sujeito do seu discurso se sucede através da identificação do sujeito com a Formação Discursiva que o atravessa. Além disso, essa identificação será a responsável pela

fundação do imaginário do sujeito sobre si mesmo e sobre o mundo que o cerca, apoiando-se no fato de que o interdiscurso será encontrado novamente no discurso do próprio sujeito.

Partindo da conceituação do discurso transversal, Michel Pêcheux estabelece ainda a compreensão do que seria chamado de *intradiscurso*. O intradiscurso é o funcionamento do discurso com relação a si mesmo. Isto significa, a correlação das coisas ditas anteriormente e ao que será dito posteriormente, em outras palavras, o que se pode chamar de “fio do discurso”, enquanto discurso de um sujeito. O interdiscurso seria o elemento que fornece ao sujeito a matéria-prima na qual este se constitui como sujeito-falante. À vista disso, pode-se afirmar que o intradiscurso enquanto exerce função de “fio do discurso” do sujeito é um efeito do interdiscurso sobre si mesmo, isto é, um efeito do inconsciente do sujeito sobre seu discurso.

O que vai ser exposto por Pêcheux, em seu livro *Semântica e discurso: Uma crítica à afirmação do óbvio* (1995), é que os esquecimentos são recorrentes quando relacionados ao discurso. O autor os divide em dois. Começaremos pelo 2º esquecimento. O *esquecimento n°2* se dá através da seleção que todo sujeito do seu discurso, no caso, todo sujeito-falante, faz no interior da sua formação discursiva dominante. Isso significa que o sujeito do discurso seleciona, em seu pré-consciente, enunciados, formas e sequências específicas que vão de acordo com a formação discursiva que o domina.

No *esquecimento n°1* ainda utilizaremos a ideia do inconsciente, porém, aqui o esquecimento abrange o fato de que o sujeito de seu discurso nunca poderá se encontrar no exterior da formação discursiva que o domina. Esse exterior é o que determina a Formação Discursiva do sujeito, entretanto, esta apaga e denega o interdiscurso, o que cria a ilusão de que o seu discurso é original quando, na verdade, não é. Logo ficará claro que todo discurso é a ocultação da manifestação do inconsciente.

#### **4 ANÁLISE DO DISCURSO APLICADA NA REPORTAGEM “CELA 15 – VENTRES ENCARCERADOS”**

A partir da perspectiva de análise discursiva francesa, é possível aplicar os conceitos desenvolvidos no objeto de estudo escolhido, sendo esse a reportagem realizada por estudantes da Universidade Federal da Paraíba, intitulada: *Cela 15 – Ventres Encarcerados*.

Tomando como ponto de partida a ideia de que todo sujeito é um assujeitado à ideologia é lógico que deduzir que todo discurso reproduzido por esse sujeito também conterà em si uma carga ideológica. Falamos aqui de reprodução uma vez que, como visto, com o conceito de interdiscurso, o sujeito possui em seu inconsciente um discurso que ‘sempre-já’ esteve lá e o reproduz, muitas vezes, com a ilusão de que se trata de algo original.

Dessa forma, para examinar a reportagem utilizando-se da AD é preciso levar em consideração o que Pêcheux denomina Formação Discursiva. De acordo com o autor, é essa formação que, numa formação ideológica e sempre determinada pela luta de classes, dará o sentido dos enunciados e este será totalmente dependente do seu posicionamento ideológico que, ao mesmo tempo, determina o dito.

Partindo para a interpretação do material analisado, o principal discurso que podemos apontar logo num primeiro momento é o discurso jornalístico. Tal discurso contém alta carga de objetividade, busca pela imparcialidade e faturalidade. Mais do que isso, o discurso jornalístico é o resultado de um processo de construção e reprodução da realidade, definido por certas regras e convenções narrativas. Porém, a característica que se mostra como base do discurso particular do jornalismo é a veracidade. É esse atributo que funciona como legitimação do discurso jornalístico enquanto conhecimento científico sistematizado, racionalizado e verificado.

Não obstante, os meios de comunicação e a produção jornalística são as formas por onde os sujeitos contemporâneos se colocam em sintonia com o mundo e o acessam. Assim, o discurso jornalístico acaba por ser também um discurso narrativo onde as palavras e frases selecionadas discursam sobre aquilo *que é e que acontece* no mundo. A partir do desenvolvimento da sua narrativa, o discurso jornalístico pretende esclarecer os eventos, situar os acontecimentos e buscar sentido para os fenômenos tanto sociais como naturais. Assim sendo, acaba-se por criar uma ponte, talvez intransponível, entre aquilo que de fato é e que de fato aconteceu e o que é dito através do discurso jornalístico.

Na reportagem escolhida, além do discurso próprio do jornalismo estará presente também o discurso literário. Este faz parte, para Michel Pêcheux, de uma modalidade em que os elementos do interdiscurso são incorporados:

[...] segundo a modalidade do “como se” (como se eu que falo estivesse no lugar onde alguém me escuta), modalidade na qual a “incorporação” dos elementos do interdiscurso (pré-construído e articulação-sustentação) pode se dar até o ponto de confundi-los, de modo a não haver mais demarcação entre o que é dito e aquilo a propósito do que é dito. Essa modalidade, que é a da ficção, representa, por assim dizer, a forma idealista pura da forma-sujeito sob suas diversas formas, da “reportagem”, à “literatura” e ao “pensamento criador” [...] (PÊCHEUX, 1995, p.168)

Assim, considerar a literatura como discurso implica analisar os textos literários a partir dos seus enunciados e toda sua complexidade, modalidades sociais e históricas.

Ao se utilizar de figuras de linguagem, as autoras importam para o trabalho suas impressões e crenças pessoais sobre a temática abordada que é a situação de mulheres que estão presas e também grávidas. Mesmo sendo um material de cunho jornalístico e a imparcialidade ser um dos principais objetivos nesse formato discursivo, é notável a presença de outros discursos além do jornalístico na reportagem, o que faz jus ao que é proposto por Pêcheux ao afirmar que “a ideologia não existe senão por e para os sujeitos” (PÊCHEUX, 1988:183).



## 5 ASPECTOS METODOLÓGICOS E DE ANÁLISE

O corpus da análise realizada se constituiu a partir da reportagem produzida por quatro estudantes do curso de Jornalismo na Universidade Federal da Paraíba, Daniella Fechine, Elisa Damante, Gabriela da Silva e Ivone Beatriz, sob orientação do professor Edônio Alves.

A reportagem intitulada *Cela 15 – Ventres Encarcerados* foi obtida a partir da plataforma de publicação digital *Issuu*.<sup>8</sup> A publicação foi realizada por uma das autoras, Daniella Fechine, no ano de 2016.

Para a análise discursiva do produto jornalístico em questão, fizemos a seleção dos enunciados para, posteriormente, apontarmos qual o discurso predominante presente no mesmo. A seleção dos enunciados foi feita levando em consideração o conceito de enunciado proposto a seguir:

Nós partimos da seguinte premissa, ao definir que: Enunciado é uma perícope/sintático/linguística, voltada para a propriedade delimitativa de análise dos efeitos de sentido, visando ao trabalho de descarte do analista (SILVA, 2022).

A partir desse conceito, e após leitura e análise discursiva, tornou-se perceptível a existência de um discurso predominante no decorrer de toda a reportagem. Por essa razão, optamos por selecionar os enunciados que corroboravam com essa predominância discursiva observada.

A divisão dos enunciados se dará através da numeração dos mesmos, começando em E1, E2, E3... e assim por diante. Essa divisão é realizada para que possa ser percebido dentro da reportagem o não-dito e o discurso predominante naquele enunciado em específico. Assim, após a análise de todos os enunciados foi possível afirmar qual o discurso prevalente na reportagem aqui analisada. A divisão dos enunciados ficou da seguinte maneira:

**E1.** Todas as identificações das presidiárias e crianças correspondem a nomes fictícios para preservar a identidade de todos.

No **E1**, o que podemos perceber é que o sujeito jornalístico aciona o discurso jurídico para resguardar a identidade de suas personagens. O discurso sustentado no E1 possui relação direta com o artigo 5º da Constituição Federal de 1988 que estabelece que “é assegurado a todos

---

<sup>8</sup> [https://issuu.com/danifechine/docs/cela\\_15\\_ufpb](https://issuu.com/danifechine/docs/cela_15_ufpb)

o acesso à informação e resguardado o sigilo da fonte, quando necessário ao exercício profissional” (art.5º, inciso XIV). Além disso, esse discurso que, através da análise, foi percebido, encontra respaldo também no art.5º do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros que afirma: “É direito do jornalista resguardar o sigilo da fonte.” E na Lei de Imprensa, de 1967, no seu artigo 7º, *capute* 71, ao dispor que “será assegurado e respeitado o sigilo quanto às fontes ou origem de informações recebidas ou recolhidas por jornalistas, rádio repórteres ou comentaristas, os quais não poderão ser compelidos ou coagidos a indicar o nome do seu informante ou a fonte de suas informações, não podendo seu silêncio, a respeito, sofrer qualquer sanção, direta ou indireta, nem qualquer espécie de penalidade.”

**E2.** O verde vivo da grama depois do grande portão azul contrastava com o concreto desgastado das celas. O muro que separa dois mundos não é mais alto que os sonhos de quem vive entre grades e paredes.

Aqui, percebemos que o sujeito jornalístico começa a se utilizar do discurso literário na construção da matéria. Existe nesse enunciado a presença de metáforas e de uma adjetivação, funções retóricas utilizadas principalmente na linguagem literária. O uso desses recursos atribui o sentido de contraste no que está sendo visualizado pelas autoras. Ao empregar o discurso literário no texto, cria-se duas nuances, uma representa aquilo que é colorido, como a grama que é de um verde vivo e o portão que é azul, mas, ao mesmo tempo, existe o muro, que não possui cor. Então, entende-se que há um mundo onde existem cores e outro em que o colorido não se faz presente. Essa ideia dos dois mundos será vista com frequência do decorrer da construção da reportagem. É posto que há uma vida fora e outra dentro da prisão. A de fora seria uma vida de liberdade, sonho e a outra traz a ideia de que não se é possível sonhar dentro do cárcere.

**E3.** O portão aberto dá a mínima impressão de liberdade. Uma luz forte brilha do lado de fora onde viver é melhor que sonhar. O escritor Johann Goethe dizia que gostava de pessoas que sonham o impossível. Talvez ele nunca tenha imaginado o quão doloroso é ter como limitante dos seus sonhos uma grade de ferro.

O discurso literário continua presente. Além disso, o que podemos perceber é que em “viver é melhor que sonhar” o discurso que é acionado se vale do interdiscurso, que é o discurso musical através da música do cantor Belchior, intitulada *Como nossos pais*, que diz: “Viver é

melhor que sonhar e eu sei que o amor é uma coisa boa”. O emprego desse trecho da canção na reportagem transmite o sentido de que é melhor viver uma vida sem sonhos fora dos muros da penitenciária a viver uma vida cheia de sonhos impossibilitados de serem realizados devido ao cárcere.

**E4.** Numa penitenciária, realizar é um verbo ainda difícil de pronunciar. O caminho até a cela parece longo, mas chegar até lá pode ser muito fácil. Mães, grávidas e vidas que acabam de chegar ao mundo restrito de uma prisão. O corredor estreito e pouco ventilado, dá espaço para acomodar os bebês que querem conquistar um pouco mais do mundo. De acordo com o dicionário Michaelis, a palavra justiça significa “o poder de decidir sobre os direitos de cada um, de premiar e de punir.”

A partir do enunciado acima, o que podemos analisar é a presença de um discurso educacional. Em que, por duas vezes, as palavras dicionarizadas são refletidas pelo sujeito jornalístico. A começar pelo trecho “realizar é um verbo ainda difícil de pronunciar”, temos a afirmativa de que realizar é um verbo, o que se caracteriza como discurso educativo. E a partir do trecho “a palavra justiça significa o poder de decidir sobre os direitos de cada um, de premiar e de punir”, notamos a presença do discurso dicionarizado que é, em sua essência, um discurso também com propósito educacional do leitor. Além disso, nesse enunciado é estabelecida também uma relação de distância. Uma é física, que é a distância para chegar até a cela 15 após entrar na penitenciária e a outra é uma distância jurídica, o que estabelece que o crime seria o caminho ‘fácil’ para chegar até a cela.

O que se percebe é que o sujeito jornalístico da matéria pretende demonstrar com esse discurso educacional a existência de uma ruptura entre as palavras e a realidade. O verbo realizar, por exemplo, propõe o efeito de sentido de que ele não é, de fato, impronunciável do ponto de vista fonético, mas não é executável pelas mulheres que estão na penitenciária. O mesmo acontece quando há a definição da palavra justiça, porém essa definição não é compartilhada pelas autoras. Ao colocar apenas essa definição da palavra justiça na reportagem há o não-dito de que essa definição não corresponde com a realidade em que se encontram as pessoas que estão no cárcere.

**E5.** As escrituras bíblicas e frases de amor grafadas em tintas de caneta BIC nas paredes, parece ser uma tentativa latente e desesperada de

trazer vontade de vida para dentro das grades. As paredes falam, mas no local é também possível ouvir choros.

Partindo do **E5** em diante começamos a perceber uma forte presença do discurso religioso na reportagem, devido a menção da existência dos textos bíblicos nas paredes. As perspectivas bíblicas são a vida a ser praticada no cárcere. Simultaneamente, a caneta BIC indica a origem humilde de quem está ali.

**E6.** De acordo com o artigo 5º da Constituição Federal, as presidiárias então mesmo asseguradas a receber as devidas “condições para que possam permanecer com seus filhos durante o período de amamentação.” Além disso, as penitenciárias destinadas a mulheres devem cumprir a Lei de Execução Penal (LEP) que exige que “os estabelecimentos penais destinados a mulheres” contemplem “berçário, onde as condenadas possam cuidar de seus filhos, inclusive amamentá-los, no mínimo, até 6 meses de idade.”

Em **E6**, o sujeito jornalístico articula breves explanações sobre o funcionamento do sistema penitenciário brasileiro através da Constituição. Consideramos então que aqui o discurso predominante é o administrativo, uma vez que é explicado como a lei atua sobre a vida no cárcere. O enunciado seis também atua como uma instituição do confronto lei x sistema, que será revisto em outros enunciados ao longo da análise.

**E7.** Uma educação rígida não foi uma barreira para impedir que ela iniciasse sua vida amorosa precocemente.

Ao analisarmos esse enunciado, percebemos o predomínio de um discurso familiar perpassado por um discurso religioso. O primeiro efeito de sentido que notamos é que há um discurso familiar tradicional, mas, ao mesmo tempo, o não-dito no enunciado é que os pais ficaram isentos da responsabilidade da filha ter iniciado sua vida sexual de forma adiantada. Na teoria, uma educação rígida impediria o início de uma vida amorosa precoce, porém percebe-se que Joana P. ultrapassou essa barreira. Além disso, o termo precocemente marca uma atitude imatura que, adiante, veremos que acarretou os problemas que fizeram Joana se encontrar grávida e presa.

**E8.** Por trás das grades, durante uma visita íntima, Joana engravidou. A história foi rápida, mas o suficiente para durar a vida inteira. Através do tio, conheceu o parceiro que tirou a vida de alguém e fez nascer outra em seguida: Jeferson, o segundo filho de Joana, “um efeito do cárcere.”

No oitavo enunciado, observamos mais uma vez a relação feita durante toda a reportagem do ‘dentro e fora’ sendo dentro como algo escuro e negativo e fora a vida de luz e sonhos. Por exemplo, foi dentro de uma prisão que Joana engravidou. Aqui ainda predomina o discurso familiar, uma vez que é narrado a formação de uma família, primeiro com ela conhecendo seu parceiro, depois com a construção de algo que irá durar a vida toda, ou seja, a concepção de um filho.

**E9.** Quando engravidou do segundo filho, encontrou-se responsável pela própria vida. A mãe jurou expulsá-la de casa e, vítima do medo e da insegurança, Joana depositou no tráfico de drogas a responsabilidade de uma vida que agora caminhava em uma única estrada: a do crime.

O **E9** é marcado pela continuação do discurso familiar tradicional. As condições de produção do discurso nesse enunciado remetem, historicamente, que quando, numa família tradicional, os filhos não obedecem aos pais ou não seguem os valores que lhe foram passados eles são expulsos do seio familiar. É interessante notar que, no E9, Joana é retratada como alguém isenta de responsabilidade sob os atos em que estava envolvida, o que vemos como o não-dito. Também é válido mencionar a significância da escolha do verbo “depositar” no contexto da matéria, verbo esse que possui o sentido de creditar valor.

**E10.** A mãe, sem notícias, achou que havia perdido a filha para sempre. Três dias separaram a morte da vida. A notícia chegou por meio da melhor amiga de Joana, que avisara, enfim, da sua prisão. “Minha mãe me deu como morta. Ela não acreditou que eu tava presa.” A realidade chegou sem avisar. Há quatro meses Joana não recebe visitas.

No enunciado acima, podemos perceber que se entrecruzam dois discursos: o familiar e o religioso. No trecho que diz: “a mãe, sem notícias, achou que havia perdido a filha para

sempre”, interdiscursivamente notamos o acionamento da parábola bíblica do *Filho Pródigo*<sup>9</sup> contada no livro de Lucas, a partir do capítulo 15. Já no trecho em que Joana afirma que a mãe não acreditou na sua prisão e lhe deu como morta, se faz fortemente presente o discurso familiar, sendo o efeito de sentido aqui o de quando o filho comete um erro muito grave, se torna menos doloroso para a família considerar esse filho morto do que manter os laços familiares. O não-dito aqui é que seria por esse motivo que Joana não mais recebe visitas.

**E11.** Diante de uma realidade ainda desconhecida, Joana se viu perdida em um mundo sem cor. Achava que aquilo nunca poderia lhe acontecer, até que “caiu” na prisão. Agora o único consolo é a espiritualidade que aumenta com o passar dos dias.

Aqui, novamente vemos um enunciado que é marcado pelo discurso religioso. Além disso, podemos notar como o fio discursivo é construído de forma coerente ao longo dos enunciados sete, oito, nove e dez. Uma vez que já sabemos que Joana é uma pessoa que iniciou sua vida adulta de forma precoce, aqui teremos a retomada dessa ideia, sendo dito que ela estaria diante de uma realidade ainda desconhecida, ou seja, desconhecida devido à sua inexperiência. Não obstante, há também a retomada da parábola do *Filho Pródigo*, quando se afirma que ela se encontra perdida. A escolha do vocábulo ‘caiu’ também possui um efeito de sentido muito forte na formação discursiva religiosa. Geralmente se coloca que quando uma pessoa vive uma vida de pecados, ela vive caída, ou seja, é um paralelismo acionado na construção da reportagem.

Outro trecho em que o discurso religioso será fortemente observado é quando o sujeito jornalístico afirma que o único consolo de Joana seria sua espiritualidade. Vimos que Pêcheux utilizava a relação de desigualdade, contradição e subordinação e aqui teremos presente a relação de contradição. Uma vez que a espiritualidade é colocada como o único consolo, se deixa de lado o filho de Joana.

**E12.** Apega-se a uma fé que antes desperdiçava. Encontra em Deus o conforto que as camas de concreto não são capazes de lhe dar. O sol brilha muito fraco na pequena janela gradeada, mas a luz que procura

---

<sup>9</sup> O filho lhe disse: ‘Pai, pequei contra o céu e contra ti. Não sou mais digno de ser chamado teu filho.’ Mas o pai disse aos seus servos: ‘Depressa! Tragam a melhor roupa e vistam nele. Coloquem um anel em seu dedo e calcem seus pés. Tragam o novilho gordo e matem-no. Vamos fazer uma festa e alegrar-nos. Pois este meu filho estava morto e voltou à vida, estava perdido e foi achado.’ (BÍBLIA, Lucas, 15:21-24)

só pode ser encontrada nas palavras que lê como oração durante os cultos semanais.

Novamente, o discurso religioso é predominante e, mais uma vez, encontraremos a relação de contraste feita durante toda a matéria. É passado o efeito de sentido que Deus é afeto, conforto e, já as grades, representariam a falta de luz, o desconforto, a angústia e o mal. O sujeito jornalístico afirma que dentro do cárcere a luz é impedida de entrar pelas grades, mas a luz que Joana procura só pode, exclusivamente, ser encontrada nas palavras dos cultos semanais. Ou seja, além de se caracterizar como um discurso religioso, ainda é analisado como um discurso religioso cristão protestante.

**E13.** Algumas pessoas encontram no silêncio o próprio questionamento da vida. Falam para si e consigo, mas liberam nas expressões traços pessoais simples de perceber. Falam com os olhos, com as mãos e com a imobilidade do corpo. Carregam nas expressões marcas de um passado que parece mais longínquo que o real. Entre tantas vozes dentro de uma só cela, um silêncio falava mais alto que todas elas.

Aqui é acionado, em princípio, o discurso jornalístico literário, uma vez que este prega a escuta atenta, a conversa prévia com a personagem e a transcrição do que estas dizem. E, aqui, a marca inicial é de uma entrevistada que parece não querer falar, se mantendo no que o texto afirma que é um silêncio. Ao mesmo tempo, o enunciado aciona um discurso popular que remete ao ditado: “Uma imagem fala mais que mil palavras”, uma vez que é colocado que as presas falam com os olhos, com as mãos, que mantêm o silêncio, mas deixam escapar nas expressões o necessário para compreender. Além disso, aparece mais uma vez a relação de oposição já vista ao longo da reportagem, entre o que está dentro e o que está fora do cárcere. Dessa forma, o texto pretende com isso afirmar que a entrevistada, no caso Maria S., apresenta algo em suas expressões que ainda remetem à vida que ela tinha fora da prisão, que seria a luz, a felicidade e as oportunidades.

**E14.** O nome era Maria S. Uma mulher de 28 anos que carrega no coração a saudade dos filhos que deixou fora da prisão. Sua voz era fraca, assim como ela mesma se definiu. “Eu entrei aqui por safadeza mesmo”, sorriu envergonhada.



O que percebemos acima é que o sujeito jornalístico coloca o nome da apenada no tempo verbal passado, ao afirmar que “o nome era...”. Com isso, o discurso jornalístico quer apresentar um quadro de oposição entre quando você está dentro da penitenciária, onde você é apenas mais um prisioneiro e quando você está fora, que você tem um nome, uma família e uma identidade própria. Então se deixa claro o fato da despersonalização da condenada. De volta à perspectiva religiosa, irá ressurgir na reportagem a questão da fraqueza, sempre demonstrando, através do discurso jornalístico, perpassado pelo discurso religioso, que as pessoas entram ou ‘caem’ nesse caminho por fraquejarem na “carne”. Sendo aqui o não-dito de que, se essas mulheres tivessem a religião como o fundamento de suas vidas, elas não teriam entrado para esse meio. No próprio enunciado teremos o seguinte: “Sua voz era fraca, assim como ela mesma se definiu.” E essa fraqueza seria se deixar levar pelos seus desejos e emoções. É interessante ressaltar que, apesar de o discurso no enunciado quatorze ser o discurso familiar, ele continuará a ser percorrido pelo discurso religioso.

É pertinente notar que, a partir da construção das reportagens, sempre é deixada uma justificativa para a mulher estar ali e, geralmente, essa causa se pauta na fraqueza, na falta de conhecimento. Não deixa de haver a culpabilidade, porém essa culpa é um tanto que suavizada pelas circunstâncias apresentadas pelo sujeito jornalístico.

**E15.** Presa por ter levado drogas ao marido detido por envolvimento com o tráfico, Maria acabou percorrendo o mesmo caminho. Seu percurso não tinha manchas criminais, mas o amor bandido foi usado como moeda de chantagem. Rendeu-se ao medo e à fraqueza. Temendo que o marido cumprisse o que prometera e a deixasse, Maria fez tudo o que foi pedido. Sem envolvimento prévio com o crime, foi presa pela primeira vez. “O amor era o mesmo. Perdoei na época”, declarou. Hoje não se falam mais. Moram em celas separadas e distantes.

No início do **E15**, percebemos novamente a retomada à ideia da fraqueza por parte de Maria S, onde esta não teria tido uma vontade própria e acabara cedendo a tal sentimento. Além disso, há também a introdução da expressão “amor bandido”, uma expressão popular que está em relação parafrástica com “mulher de bandido”, uma vez que Maria era esposa de um condenado. Essa expressão “amor bandido” provém da literatura popular e significa, na reportagem, a existência de uma pessoa despuddorada. O “amor bandido” seria justamente essa

insistência em continuar com alguém que se tem a consciência de que é um erro e, mais do que isso, contemporiza com os erros que presencia no parceiro, dando preferência à passividade.

**E16.** Grávida, entrou na penitenciária com Tereza na barriga. Olha para a menina com o olhar perdido de quem ainda não aceita os próprios erros. Agora com 11 dias de vida, a pequena dorme sem conhecer a culpa que a mãe carrega.

O enunciado analisado se inicia pela seguinte frase: “Grávida entrou com Tereza na barriga.” Aqui, podemos realizar um paralelo com a ideia posta no enunciado quatorze em que Maria S. tinha um nome e o perdeu ao entrar na prisão. Já Tereza, apesar de ser ainda uma nascitura já possui uma identidade e a mantém. O não-dito mostra que a vida de Tereza não é a mesma da mãe, uma vez que ela dorme sem conhecer a culpa que a mãe carrega. Tal afirmativa também aciona o discurso religioso porque quando uma criança não conhece a culpa, religiosamente significa dizer que ela está livre de pecados, quem carregaria o pecado seria a sua mãe. Outro efeito de sentido seria deixado claro pelo sujeito jornalístico: o pré-construído de que a personagem Maria ainda não aceita o próprio erro, erro esse que seria ter fraquejado, cedido a uma paixão. A partir dessa colocação, o não-dito aqui seria o de que ela ainda poderia ter sentimentos pela pessoa que a levou até ali, ou seja, o seu “amor bandido”.

**E17.** Maria a segura como uma boneca. A porcelana em suas mãos é seu maior tesouro no momento. Desperta a consciência de quando o crime ainda não era uma realidade.

No **E17**, o discurso jornalístico aciona o discurso religioso-familiar na medida em que o enunciado jornalístico afirma que a detenta segura a criança como uma boneca de porcelana. Então, ao olharmos para os efeitos de sentido dessa afirmativa, teremos a interpretação de que uma boneca de porcelana além de ser um brinquedo, é algo valioso e frágil. Ao mesmo tempo, cria-se o efeito de sentido de Maria retratada como uma criança, uma vez que quem brinca com boneca é criança. Também haverá aqui a oposição que o discurso jornalístico vem acionando durante todas as matérias: a ideia de quem está dentro do cárcere vive a escuridão, a culpa, a falta de identidade. E quem está fora desse ambiente vive a luz e a inocência.

**E18.** Apega-se a ela e a bíblia que deixa no colchão. Suplica a Deus por oportunidade. Escreve no antigo testamento como se alguém pudesse

ouvir o seu silêncio. “O que me consola mais é essa bíblia aqui. Pra se ajoelhar e pedir perdão a Deus.”

O **E18** começa enumerando alguns verbos como: apegar-se, escreve, suplica. Gramaticalmente, todo verbo é destinado à ação, porém no contexto da reportagem esses verbos acabam sendo interpretados como ações de alguém que não tem poder de decisão sobre sua atual realidade. Os verbos ‘apegar-se’ e ‘suplicar’ demonstrariam uma dependência com relação ao outro. O sujeito jornalístico utiliza esses verbos para fazer valer, novamente, um discurso religioso no sentido de apresentar Maria como penitente, isto é, uma pessoa que admite seus erros e busca ser perdoada através da misericórdia divina. Isso fica evidente com a última frase do enunciado que diz: “O que me consola mais é essa bíblia aqui. Pra se ajoelhar e pedir perdão a Deus.” Por fim, ainda podemos observar uma relação parafrástica quando o sujeito jornalístico diz que “apega-se a ela e a bíblia que deixa no colchão”. Essa relação seria com a ideia de conforto proposta pelo colchão para descanso, provocando o efeito de sentido de que a bíblia é um conforto para Maria, já que ela fica guardada no colchão. Além disso, ao afirmar que Maria suplica a Deus por oportunidade, é trazido o efeito de sentido que ela quer ser solta e roga por isso. Já que foi mostrada durante a construção da matéria que oportunidade não é uma coisa que se encontra dentro da prisão.

Antecedendo a análise do enunciado dezenove observaremos a presença do discurso médico público e a retomada da crítica ao sistema penitenciário, aqui no formato de desidentificação com o mesmo. O discurso médico público pode ser observado quando o sujeito jornalístico sobrepõe dois sentidos no trecho que diz: “Vinte e dois anos e quatro filhos não é bem o futuro que muitas meninas imaginam para si”. Aqui vemos a ideia da ausência de um planejamento familiar como uma questão de saúde pública. Já o desacordo do sujeito jornalístico com o sistema prisional será perceptível em excertos como: “A justiça, no entanto, não se preocupou em limpar os pés sujos de crime antes de entrar.”

**E19.** Entrou no sistema penitenciário grávida de cinco meses. Carregava João, o futuro de uma vida diferente do crime. Ansioso para vir ao mundo, o pequeno ainda não sabia que cresceria até os oito meses cercado de grades e entre quatro paredes riscadas por versículos bíblicos.

Retomando a análise dos enunciados, teremos aqui o detalhamento de como João nasceu em uma viatura policial, a caminho da maternidade. Essa descrição vai de encontro com o que já vemos na reportagem da negatização do sistema burocrático penitenciário, mostrando que mais uma vez a detenta não teve a assistência devida, assim, o discurso jornalístico aqui acaba por construir uma imagem desfavorável de todos os trâmites administrativos da prisão. Além disso, ao olharmos através da perspectiva das condições de produção do discurso, o que percebemos é que o sujeito jornalístico opta por ocultar os nomes reais das pessoas que compõem a matéria, utilizando nomes fictícios no lugar, e não à toa apresenta-se o nome de João, que aparece na reportagem acionando um discurso religioso. Há dois Joãos na bíblia e ambos terminaram suas vidas presos. Esse sentido de dualidade também será empregado no texto, havendo o João, filho de Samara, que entrou no cárcere junto com a mãe, quando esta ainda lhe carregava no ventre. E há João, apóstolo que é autor do livro de Apocalipse e que se encontrava preso na ilha de Patmos quando o escreveu, como comprova o trecho retirado da bíblia, do livro de Apocalipse, capítulo um, versículo nove:

Eu, João, irmão vosso e companheiro convosco na aflição, no reino e na perseverança em Jesus, estava na ilha chamada Patmos por causa da palavra de Deus e do testemunho de Jesus. (BÍBLIA, Apocalipse, 1:9)

Ainda no mesmo enunciado, o sujeito jornalístico afirma que o filho de Samara, João, cresce cercado de grades e entre quatro paredes riscadas por versículos bíblicos, estabelecendo um paralelismo discursivo novamente com o João apóstolo, que também se ver cercado de escrituras bíblicas dentro do cárcere, uma vez que escreve o livro de Apocalipse.

Outro momento de relevância antes de dar continuidade a análise dos enunciados é quando se apresenta um breve resumo da história da personagem Samara até sua chegada a Penitenciária Maria Júlia Maranhão e, a partir disso, é percebido novamente o sentido de um discurso que remete à questão de saúde pública que é a ausência de um planejamento familiar para Samara, que tinha sonhos de estudar e se tornar enfermeira, mas teve que deixar esse desejo para trás porque se tornou esposa e mãe muito jovem.

**E20.** O arrependimento é a parcela de culpa que Samara carrega. “Se eu pudesse voltar no tempo e voltar atrás eu faria tudo diferente”, diz. Era feliz com o dinheiro que chegava da venda de drogas, mas trocava todas as cédulas pela liberdade e pelo abraço materno. Agora se tornou refém da separação. A primeira aconteceu com as três filhas que deixou

em casa. Uma de seis anos, outra de quatro e uma pequena, com dois anos de vida, que não a reconhece mais. Burlou uma depressão que insistia em aparecer para dar espaço à conformidade da distância e dos erros. “Sei que minhas filhas estão bem.” [...] Deixa cair algumas lágrimas com pedidos de perdão. O abraço é o caminho para a liberdade que espera atingir em breve. “A liberdade para mim não é o mundo. É minha mãe e as minhas filhas.”

O **E20** será marcado, mais uma vez, pelo discurso religioso. Começando pelo trecho que abre o enunciado: “O arrependimento é a parcela de culpa que Samara carrega.” Ao analisarmos palavras como arrependimento, culpa, carregar passa toda a discursividade do discurso religioso de alguém que vive resignado, que reconhece os seus “pecados”, uma penitente. Há também um discurso familiar muito arraigado dentro dessa religiosidade quando a fala de Samara é transcrita na reportagem. Ela afirma que era feliz com o dinheiro que tinha, mas trocava tudo pela liberdade e o abraço materno. Essa declaração da detenta aciona, interdiscursivamente, um discurso popular que diz que “é melhor ter amigo na praça do que dinheiro na caixa”, o que dá o efeito de sentido de que a figura materna é uma amiga.

**E21.** O desejo de voltar a estudar parece pulsante, mas só se movimenta quando pensa nos filhos. Depois que João chegou em sua vida os trilhos começaram a se ajustar. Antes, pensava pouco no futuro. Agora traça a meta de fazer dos seus filhos tudo aquilo que ela não foi. João se fez como uma camisa de força na vida de Samara. Sem ele, encontra-se atada, capaz de despertar seus instintos mais perversos. Com ele, diferente de quem foi quando fez da cela uma morada temporária.

Teremos a continuidade do discurso religioso-familiar quando o sujeito jornalístico coloca que Samara “agora traça a meta de fazer dos seus filhos tudo aquilo que ela não foi.” Tal afirmativa traz o efeito de sentido passado no excerto bíblico do livro de Provérbios, capítulo vinte e dois, versículo seis: “Instrua a criança segundo os objetivos que você tem para ela, e mesmo com o passar dos anos não se desviará deles.” Também é dito que “João se fez como uma camisa de força na vida de Samara”, tal colocação passa o efeito de sentido de algo que lhe prende, que controla, impede os movimentos, e João, o filho dela e João, figura bíblica e que representa a religiosidade, é quem a controla, quem lhe coloca no caminho certo. Ao

mesmo tempo é dito pelo sujeito jornalístico que sem João, Samara se encontra atada, capaz de despertar seus instintos mais perversos. A escolha da palavra ‘despertar’ passa o efeito de sentido de algo que está dormente, latente, mas que ela tem a propensão a retornar aos pecados.

Perceberemos mais a frente que, o fato de Samara precisar entregar o filho, funciona quase como uma sustentação desse dizer jornalístico aqui colocado, de que João era quem a tornava uma pessoa melhor e o sistema penitenciário e a justiça ao invés de deixar Samara manter essa pessoa que controla seus instintos perversos perto de si, ela é afastada do menino. O que pode ser interpretado também como uma culpabilização do sistema no caso de Samara voltar a uma vida criminoso.

**E22.** Do corredor escutou a agente penitenciária avisar: “sua visita chegou”. Jéssica, prima de Samara, foi incumbida da árdua tarefa de cortar, pela segunda vez, o cordão umbilical entre mãe e filho. A avó da criança lavou as mãos: não queria ser ela a responsável por causar na filha a mesma dor que sentiu ao vê-la seguir o caminho da cadeia.

O **E22** traz o cenário do dia para entregar João a parentes fora do cárcere e a pessoa que vai buscar o menino é Jéssica, prima de Samara, uma vez que é dito que “a avó da criança lavou as mãos.” Aqui é acionado novamente o discurso religioso, fazendo alusão a história de Pôncio Pilatos, quando na ocasião do julgamento de Jesus Cristo, Pilatos lava as mãos pois não quer ser culpado de sangue inocente, passagem encontrada no livro de Mateus, capítulo 27, versículo 24. O enunciado ainda é perpassado mais uma vez pelo discurso familiar quando é dito que: “Jéssica, prima de Samara, foi incumbida da árdua tarefa de cortar, pela segunda vez, o cordão umbilical entre mãe e filho.”

Mais uma vez, em trecho que precede o enunciado vinte e três o sujeito jornalístico retoma sua crítica ao sistema penitenciário brasileiro ao narrar o momento que Samara precisa entregar seu filho João a parentes fora do cárcere. Segue a passagem: “O processo burocrático foi consideravelmente mais lento que o habitual. A sala do departamento que abrigava a documentação necessária para o adeus de João estava trancada. A busca incessante pela chave aumentou a tristeza e a revolta de Samara, que acreditava agora ter que adiar novamente a despedida do filho.” Ou seja, o não-dito aqui é que as falhas e burocracia do sistema muitas vezes prolonga o sofrimento das vidas envolvidas nele.

**E23.** O choro da mãe era contido, mas não menos doloroso. Foi até o colchão, pegou um cigarro e desabafou com as outras colegas a revolta com tamanha demora. A dor da chegada de João, sem procedimento médicos, foi a mesma da partida. “Eu vou lutar contra muitas coisas. É difícil. Eu já tentei e caí nos braços do inimigo. Mas eu vou tentar de novo.”

O **E23** se inicia a partir do momento em que Samara finalmente se despede de João e volta, agora sozinha, para sua cela. Esse enunciado é marcado, mais uma vez, pelo discurso religioso. Esse acender do cigarro vai ter relação com o enunciado vinte e um, onde é dito que João mantinha Samara afastada da entrega aos seus instintos perversos, entrega aos “pecados”. Apesar de acender um cigarro não ser nada grave, tecnicamente, para o discurso religioso construído na reportagem essa ação já se mostra como um primeiro sinal do retorno de Samara à mesma vida errante que ela vivia antes de João. A própria Samara afirma: “Eu vou lutar contra muitas coisas. É difícil. Eu já tentei e caí nos braços do inimigo.” Essa afirmativa está em relação parafrástica com ela se sentir atada quando não tem a criança por perto.

**E24.** Dois mundos antagônicos divididos por um muro. Realidades de vidas distintas, mas com causas criminais iguais. Ao entrar na Penitenciária Maria Júlia Maranhão, você pode seguir dois caminhos: o da Cela 15 ou o do corredor.

Em primeiro lugar, aparece, mais uma vez, a expressão “realidades” e, como durante toda a construção da reportagem, sempre a parte de dentro da penitenciária é tida como a realidade, a escuridão, o sofrimento. E o lado de fora é retratado como espaço de sonhos, de oportunidades e de futuro. Porém, a partir do enunciado vinte e quatro, iremos ver que há uma divisão também dentro da penitenciária e essa divisão será expressa como “mundos”. Ou seja, a ideia passada é de que existem perspectivas de vida diferentes apesar de estar dentro do mesmo sistema penitenciário. No trecho: “Ao entrar na Penitenciária Maria Júlia Maranhão, você pode escolher dois caminhos”, será acionado o discurso religioso, através da interdiscursividade com o versículo bíblico que diz:

Prestem atenção! Hoje estou pondo diante de vocês a benção e a maldição. Vocês terão benção se obedecerem aos mandamentos do Senhor, o seu Deus, que hoje estou dando a vocês. Mas terão maldição

se desobedecerem aos mandamentos do Senhor, o seu Deus, e se afastarem do caminho que hoje ordeno a vocês. (BÍBLIA, Deuteronômio, 11, 26-28)

A partir disso, um efeito de sentido é aqui construído, uma vez que só quem segue para a Cella 15 é quem deu à luz, ou seja, gerou uma vida.

Não obstante, partindo da análise dos enunciados anteriores, percebemos que as mulheres que vivem na Cella 15 são pessoas arrependidas, penitentes e que teriam passado a viver o caminho da religiosidade e espiritualidade (aqui muito arraigada ao cristianismo protestante). Já as mulheres que não seguem esse comportamento teriam escolhido o caminho oposto, o do corredor. O discurso religioso fica constatado quando observamos que o sujeito jornalístico afirma que “você pode seguir dois caminhos: o da Cella 15 ou o do corredor”, quando, na realidade, as detentas não possuem essa escolha porque só quem vai para a Cella 15 são as presas gestantes, não sendo uma questão de opção, mas sim de situação.

**E25.** Entrando no portão da esquerda, o silêncio é escutado com tranquilidade. Alguns choros de bebês ecoam no local, mas nada perturbador. O ambiente é quente, mas suportável. Ventiladores auxiliam a entrada de ar nas celas. Escolhendo o portão da direita e mais alguns passos à frente é possível ouvir um barulho desconfortante de muitas vozes falando ao mesmo tempo em um lugar pequeno.

Mais uma vez, a sustentação de um discurso religioso permanece. Como vimos no enunciado anterior, a prisão seria dividida entre a Cella 15 e um corredor, este com mais 14 celas. A Cella 15, posta na reportagem como o caminho da vida, aparece como um local de silêncio e tranquilidade. Esse silêncio funciona metaforicamente, como paráfrase discursiva, para expressar paz. É dito também que alguns choros de bebês ecoam no local, mas não é nada perturbador. O choro de bebê vai indicar a inocência da criança. O inocente, dentro da perspectiva religiosa, sempre está no caminho da vida. Ainda é contado que o ambiente é quente, mas suportável devido a presença de ventiladores que ajudam na entrada de ar na Cella 15. O ventilador remete a ideia de refrigério e de alívio, que é muito comum no discurso religioso rogar por isso, como vemos no versículo: “Refrigera a minha alma; guia-me pelas veredas da justiça por amor do seu nome.” (BÍBLIA, Salmos, 23:3).

É interessante notar também que o sujeito jornalístico utiliza o verbo ‘escolhendo’ para se referir ao corredor com as quatorze celas. Todo discurso é passível da lei de desigualdade, contradição e subordinação. E aqui, ao empregar a palavra ‘escolhendo’, é criada uma



contradição no texto, posto que, não se trata de algo passível de escolha. Não se pode escolher ir para esquerda ou direita nesse contexto, o que reforça ainda mais o discurso religioso.

Ainda no **E25**, teremos que, ao contrário do que é encontrado na Cella 15, no corredor o que há é um barulho desconfortante, muitas vozes e um espaço apertado. Havendo aqui um sintagma com a ideia de inferno descrita na Bíblia, podendo ser exemplificado com passagem do capítulo 13 do livro de Lucas: “Ali haverá choro e ranger de dentes, quando vocês virem Abraão, Isaque e Jacó e todos os profetas no Reino de Deus, mas vocês excluídos.” Sendo tipicamente o espaço, na reportagem, do corredor. Onde não há mais refrigério.

**E26.** Atravessando as grades, chega-se ao corredor. Uma extensão estreita que comporta 14 celas, sete em cada lado, de aproximadamente 4m<sup>2</sup> cada. Dentro de cada uma, 25 personalidades diferentes disputando pela janela: o lugar mais ventilado do local. O corredor é quente por si só. As celas, ainda mais. Na Cella 15 o clima é mais fraterno. Algumas crianças andam para lá e para cá e outras deitam nos colchões esperando o dia terminar. O espaço é cuidadosamente maior e mais receptivo.

No penúltimo enunciado, acontece ainda a mesma ideia dos dois mundos, dessa vez, opondo a Cella 15 ao corredor, a vida à morte. No corredor, são 14 celas, 7 em cada lado, o que é interessante de ser notado já que o número sete é considerado o número da perfeição divina. Para se referir às mulheres que vivem nesse espaço, o sujeito jornalístico utiliza a expressão: “25 personalidades diferentes”. Se formos observar outros enunciados, como o E15, E16, E20, E21 e E22, todas as pessoas que estão na Cella 15, que é representada como o caminho da vida, possuem um nome próprio. No corredor não há identificação dessas pessoas, nem mesmo um nome fictício.

Além disso, a noção de inferno analisada no E25 será reforçada ainda mais quando é dito que: “O corredor é quente por si só. As celas ainda mais.” Por outro lado, ainda no enunciado vinte e seis, é dito que na Cella 15 o clima é fraterno. Então há uma irmandade, todos são irmãos, o que é típico do discurso religioso. Também é dito que crianças andam pra lá e pra cá, o que traz uma certa contradição, como se só houvesse crianças na cela. É expresso também que o espaço é maior e mais receptivo. Essa ideia de receptividade trará o efeito de sentido de acolhimento, de abraçar o próximo, o que continua a perpetuar o discurso religioso.

**E27.** No corredor, o clima, na verdade, é muito quente. As pessoas se olham com uma curiosidade maldosa que escondem segundas intenções e reclamam constantemente da lotação. Vivem também uma espécie de escambo. Algumas são manicures, outras auxiliam no alisamento dos cabelos. No corredor, o crime pertence a uma só pessoa. Na Cella 15, um inocente também leva a culpa.

No último enunciado, o discurso religioso continuará a ser perpassado quando se afirma que o clima é muito quente, trazendo a relação metafórica de inferno e de ardor. E essa metáfora é reforçada quando é afirmado que: “As pessoas se olham com uma curiosidade maldosa que escondem segundas intenções.” A expressão ‘segundas intenções’ tem o efeito de sentido de que se trata de intenções não ortodoxas e não verdadeiras.

Ainda é descrito no texto jornalístico do enunciado vinte e sete que: “Vivem também uma espécie de escambo.” Ao olharmos as condições de produção do discurso, observamos a interdiscursividade contextual com a história do Brasil, visto que, quando os portugueses chegaram ao território brasileiro, a primeira forma de contato econômico foi através do escambo, o que mostra que esse tipo de prática é uma prática primitiva. Isso exprime que as pessoas que estão ali, que nunca são identificadas no texto, vale salientar, voltam a viver de forma primitiva. Tal descrição das trocas entre as presas também serve para expor a oposição entre o corredor e o clima de fraternidade encontrado na Cella 15, uma vez que o escambo funciona justamente em fazer ou dar já com a intenção de receber algo em troca.

Por fim, no último parágrafo, é dito que: “No corredor, o crime pertence a uma só pessoa.” Aqui, mais uma vez, o substantivo ‘pessoa’ é empregado com aquela ideia de apagamento da identidade. Já na Cella 15 é afirmado que: “um inocente também leva a culpa.” Dessa forma, o discurso religioso é acionado novamente. A ideia de um inocente (o que apresenta contradição já que não há apenas uma criança na Cella 15) remete à história de Jesus Cristo, que também era inocente e levou a culpa por algo que não cometeu e por pecados que não eram seus.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Pelo que foi elucidado ao longo da pesquisa, é possível afirmar que a reportagem Cella 15 - Ventres Encarcerados, analisada utilizando-se do dispositivo teórico da Análise do Discurso Francesa, aqui representada por Michel Pêcheux, é uma reportagem construída com

os moldes estruturais e textuais que correspondem àquilo que caracteriza o Jornalismo Literário. Porém, em termos de teor discursivo, o discurso que predomina é o religioso.

Vimos que o Jornalismo Literário, também conhecido como Novo Jornalismo, defende uma nova forma de fazer notícia que carrega características próprias tanto do gênero literário como do gênero jornalístico. São exemplos: o aprofundamento, a etnografia, a subjetividade do autor, a riqueza de detalhes e uma postura mais humanizada. É uma tipologia que foge do factual e do raso. Esses atributos podem ser constatados durante toda a construção da reportagem analisada. Em trechos como: “O verde vivo da grama depois do grande portão azul contrastava com o concreto desgastado das celas”, visto no enunciado dois, fica clara a estrutura típica de um texto literário.

Outro ponto que é fortemente percebido na construção de Cella 15 – Ventres Encarcerados é o teor de crítica ao sistema jurídico e penal-carcerário brasileiro, muitas vezes dando a entender que este não é de fato justo. Podemos observar esse teor em excertos como: “[...] as penitenciárias destinadas a mulheres devem cumprir a Lei de Execução Penal que exige que os estabelecimentos penais destinados a mulheres contemplem berçário [...] A Cella 15 não é exatamente um berçário. É uma cela adaptada.” Em declarações como essa, em que a contradição entre o que há na lei e o que é a realidade é exposta no texto, mostra o desacordo do sujeito jornalístico com o sistema em questão.

Tal crítica ao sistema jurídico nos remete à tese proposta por Althusser, que afirma existir os chamados Aparelhos Ideológicos de Estado e o Aparelho Repressivo de Estado. De acordo com o autor, o Aparelho Repressivo de Estado atua, sobretudo, através da repressão e violência, mas também possui seu teor ideológico. E os AIE, por sua vez, funcionam, principalmente, pela ideologia, mas também teriam seu funcionamento atrelado à coerção. Althusser enquadra o sistema jurídico como um Aparelho Ideológico de Estado. Essa ideia pode ser percebida ao longo da reportagem. Ao descrever como a justiça trata as gestantes e mães da Penitenciária Maria Júlia Maranhão, o sujeito jornalístico reproduz o discurso que explica o funcionamento ideológico desse AIE. Já em momentos como o expresso no trecho a seguir, é posto em evidência o caráter repressivo e violento do referido Aparelho Ideológico. “A justiça, no entanto, não se preocupou em limpar os pés sujos de crime antes de entrar. Ignorando a presença de três crianças, os policiais trocaram tiros com o marido de Samara.”

Enquanto o Aparelho Ideológico jurídico é apresentado com teor crítico por parte do sujeito jornalístico, o AIE religioso é favorecido pelo discurso predominante sustentado na reportagem, que é o discurso religioso.

Apesar de ser uma reportagem sobre mulheres que cumprem pena em decorrência de algum crime cometido, nada é falado sobre tais crimes. Não sabemos por que cada mulher está ali e, mais do que isso, em muitos momentos no texto os crimes cometidos pelas personagens são atenuados como erros e, até mesmo, pecados, meros desvios do caminho de Deus. Isso pode ser exemplificado em fragmentos como o visto no enunciado onze que diz: “Achava que aquilo nunca poderia lhe acontecer até que caiu na prisão. Agora o único consolo é a espiritualidade que aumenta com o passar dos dias. Apega-se a uma fé que antes desperdiçava.” Assim, a partir desse discurso religioso, se conclui que a detenta “caiu” na prisão, o que podemos considerar um eufemismo que suaviza sua culpa e, por fim, esse cair acabou por ser a razão que lhe colocou novamente no caminho da religiosidade, que antes não era valorizada em sua vida.

O discurso religioso continua a ser perpetuado ao longo de quase toda a reportagem. No enunciado doze, o sujeito jornalístico põe que: “Apega-se a uma fé que antes desperdiçava. Encontra em Deus o conforto que as camas de concreto não são capazes de lhe dar.” A partir de colocações como essa, é possível concluir o apelo à religiosidade como a única forma de seguir uma vida de conforto e fora da prisão, nos fazendo interpretar, a partir do discurso religioso, que se a detenta não houvesse desperdiçado sua fé não estaria agora presa.

Outro enunciado em que o discurso religioso é predominante é o dezoito que diz: “Apega-se a ela e a bíblia que deixa no colchão. Escreve no antigo testamento como se alguém pudesse ouvir o seu silêncio. “O que me consola mais é essa bíblia aqui. Pra se ajoelhar e pedir perdão a Deus.” Aqui, mais uma vez o discurso religioso é acionado trazendo a ideia de que só Deus é capaz de consolar e, além disso, capaz de perdoar alguém por seus crimes, seus “pecados”.

Através do discurso religioso, não só há o favorecimento do AIE religioso sobre o AIE jurídico, como também esse é representado até como uma forma mais eficaz de ressocialização do que deveria ser o sistema carcerário-penal. Como podemos observar na passagem que diz: “Acreditar em Deus é a certeza que a solidão não chegará. Ele parece ser a chave capaz de desacorrentá-la dos caminhos do crime.”

Dessa forma, o que inferimos como resultado da análise é um estranhamento do discurso jornalístico com a reportagem construída, que aciona e privilegia o discurso religioso ao invés do jornalístico. O que ilustra o que é próprio do conceito de Formação Discursiva, proposto por Pêcheux, que através da ideologia o sujeito terá relações privilegiadas com algumas Formações Discursivas em detrimento de outras.

Em síntese, o que é predominante na reportagem é o discurso religioso-familiar, com forte enraizamento na religiosidade cristã-protestante. Ao entrar em contato com Cella 15-

Ventres Encarcerados, o discurso esperado de se encontrar seria o familiar, sobretudo o materno. Esperava-se que fosse abordado o vínculo entre mãe e filho dentro de condições tão desfavoráveis para um ato tão belo que é o de gestar, dar à luz e criar uma vida, porém o conteúdo analisado nos mostrou uma perspectiva discursiva descoincidente desta.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado**. 1. ed. Lisboa: Martins Fontes, 1980. p. 9-120.
- ARAÚJO DA SILVA, Moisés. Ler o enunciado hoje: concepções e implicações para a metodologia de Análise do Discurso. **Temática**, v. 18, n. 6, p. 1-15, 21 jun. 2022.
- BORGES, Valdeci Rezende. **História e Literatura: Algumas Considerações**. Revista de Teoria da História, Goiás, v. 1, n. 3, p. 94-109, jun./2010. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.edu.br/index.php/VIDYA/article/view/471>. Acesso em: 4 jan. 2023.
- BRASIL, Luciana Leão. **Michel Pêcheux e a Teoria da Análise de Discurso: Desdobramentos importantes para a compreensão de uma Tipologia Discursiva**. Linguagem, Catalão, v. 15, n. 1, p. 171-182, jan./2011. Disponível em: <https://periodicos.ufcat.edu.br/lep/article/view/32465/17293>. Acesso em: 23 set. 2022.
- ESCREVENDO O FUTURO. **Entrevista: Eliane Brum**. Disponível em: <https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/biblioteca/nossas-publicacoes/revista/entrevistas/artigo/209/entrevista-eliane-brum>. Acesso em: 15 mar. 2023.
- GRILLO, S. V. de C. **A oralidade no jornalismo impresso: estilo e regras de representação para o discurso citado**. Revista do GELNE, [S. l.], v. 4, n. 1, p. 1–6, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9122>. Acesso em: 8 mar. 2023.
- GUERRA, V. M. L. **A Análise do Discurso de linha francesa e a pesquisa nas ciências humanas**. ANAIS DO SCIENCULT, [S. l.], v. 1, n. 1, 2016. Disponível em: <https://anaisonline.uems.br/index.php/sciencult/article/view/3274>. Acesso em: 8 mar. 2023.
- ISSUU. **Cela 15 – Ventres Encarcerados**. Disponível em: [https://issuu.com/danifechine/docs/cela\\_15\\_ufrpb](https://issuu.com/danifechine/docs/cela_15_ufrpb). Acesso em 8 set. 2022.
- LIRA, Mariana. Jornalismo Literário extrai a história e a essência do fato. **Jornal A União**, João Pessoa, 23 set. 2017.
- LOPES, Fernanda Lima. **Jornalismo: Uma profissão em crise?** Intexto, Porto Alegre, v. 1, n. 24, p. 58-72, jun./2011. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/19186/12361>. Acesso em: 7 dez. 2022.
- MORAESTAFFARELLO, M. C. D. **A subjetividade atuante do discurso**. Revista das Faculdades de Educação, Ciência e Letras e Psicologia Padre Anchieta, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 45-52, abr./2002. Disponível em: <https://revistas.anchieta.br/index.php/revistaargumento/article/view/543/465>. Acesso em: 20 out. 2022.
- MILITÃO, Bruno. **Revista “Realidade” marcou época na história da imprensa nacional**. 7 dez. 2020. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/revista-realidade-marcou-epoca-na-historia-da-imprensa-nacional/>. Acesso em: 13 jun. 2023.

OLIVEIRA, L. D. L. **Tópicos Especiais da Retórica Clássica**. UERJ, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 1-18, jan./2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/principia/article/view/55870>. Acesso em: 16 dez. 2022.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso: Uma crítica afirmação do óbvio**. 5. ed. São Paulo: Editora da Unicamp, 2016. p. 87-185.

ROCHA, F. A. D. **MAINGUENEAU, D. Discurso literário**. Trad. A. Sobral. São Paulo: Contexto, 2006, 329 págs. Cadernos de Linguagem e Sociedade, [S. l.], v. 9, n. 2, p. 77–81, 2010. DOI:10.26512/les.v9i2.9247. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/9247>. Acesso em: 8 mar. 2023.

SILVA, Wandersson Hidayck. **História da Literatura: estética e projeto nacionalizante**. Revista Investigações, Recife, v. 32, n. 1, p. 1-13, jul./2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/view/240736>. Acesso em: 13 out. 2022.